

Capítulo 1

A Base Divina de Toda Oração Aceitável

Ao contemplarmos o grande ministério da oração, acredito ser de grande ajuda primeiramente lembrar da base Divina para toda oração aceitável. Antes de chegarmos à parte mais técnica, precisamos reconhecer o fundamento espiritual da oração, que se relaciona aos ingredientes e a santidade do incenso que deveria ser queimado sobre o altar, que está mencionado em Êxodo 30, verso 34 em diante.

Não é minha intenção fazer uma exposição sobre esses ingredientes, mas simplesmente observar que o Senhor estipulou certas substâncias odoríferas para sua composição, e então, fez uma declaração muito séria em relação a elas: “Porém o incenso que fareis, segundo a composição deste, não o fareis para vós mesmos; santo será para o Senhor. Quem fizer tal como este para o cheirar será eliminado do seu povo” [vs 37,38]. Esta é a base de toda oração aceitável.

Como sabemos, aquelas substâncias odoríferas que integravam a composição do incenso, tipificam as excelências morais do Senhor Jesus: Sua graça, Suas virtudes, Seus méritos e Sua dignidade. O incenso não representa as orações dos santos, mas sim o mérito e a dignidade do Senhor Jesus colocado nelas, misturado às orações, fazendo com que elas se tornem eficazes e aceitáveis na presença de Deus. Vemos uma plenitude aqui, visto que os ingredientes eram quatro: vemos a perfeição da graça e das virtudes e excelências morais de Cristo. E, então, o sal (que sempre remete à preservação das coisas em vida) é misturado a esses outros ingredientes, parecendo sugerir que até mesmo essa apresentação das excelências morais do Senhor Jesus deve estar sempre livre de uma mera formalidade fria, que significa morte, mas precisa permanecer como algo vivo.

É possível que a contemplação do Senhor Jesus se torne em algo mecânico e formal, acatado em nossas mentes como necessário e verdadeiro, de modo que nos achegamos à Deus mecanicamente baseados nos méritos do Senhor Jesus, enquanto o Senhor deseja que isto seja algo continuamente vivo. A cada nova aproximação do Senhor deve haver uma nova apreciação, em vida, do Senhor Jesus. O sal preserva as coisas da morte, mantendo-as vivas, frescas e ardentes, e é requerido de

nós ter esse entusiasmo por meio de uma apreciação viva e permanente dessas excelências do Senhor Jesus. Se for assim, então a oração será aceitável e eficaz. O sal não é um dos ingredientes, mas é algo acrescentado ao incenso, e representa aquilo que é incorruptível.

A nós é estipulada a condição de que nada semelhante deveria ser fabricado pelo homem, para seu próprio uso. Não deveria haver imitação, nem apropriação particular ou pessoal daquela substância. Aquilo deveria ser santo e apresentado somente ao Senhor, e uma infração a esta regra representava morte. Como sabemos, numa ocasião, a oferta de fogo estranho diante do Senhor resultou em julgamento e morte [Lv 10:1,2]. Assim, somos advertidos que se uma imitação desta composição fosse fabricada pelo homem, para si mesmo e para seus interesses particulares, ele seria eliminado do seu povo. As excelências morais do Senhor Jesus não podem ser imitadas. O homem não pode tê-las em si mesmo, e tudo que é fingido não será aceitável a Deus. Não existem excelências, nem glória semelhante à do Senhor Jesus.

Aqui Deus diz, de maneira muito definida e positiva, que há uma singularidade, uma exclusividade relacionada ao caráter do Senhor Jesus que é inatingível ao homem, e que está completamente separada do melhor que ele possa fazer a partir de si mesmo. Deus vê no Senhor Jesus algo que não existe em nenhum outro lugar e, se aproximar do Senhor imitando os méritos do Senhor Jesus significa morte para qualquer homem. Não há nenhum terreno para aproximarmos de Deus baseados em nossas próprias glórias morais, e é uma blasfêmia terrível comparar qualquer sacrifício humano, seja até mesmo a favor de seus iguais, com o sacrifício do Senhor Jesus. Isto é uma blasfêmia absoluta, e deve receber o mais completo juízo de Deus. Não! Deus não vê nada que seja semelhante às excelências morais de Seu Filho, e nos proíbe de tentar trazer qualquer coisa que seja uma imitação delas, fabricadas pelo homem, que não atestem da singularidade do Senhor Jesus.

Assim, a base de toda oração aceitável sobre a qual nos aproximamos do Pai se resume nas excelências, glórias, graça, virtudes, méritos e dignidade do Senhor Jesus. Isto é muito simples, mas é básico, e precisamos reconhecer isto antes de prosseguir no assunto da oração.

Os Cinco Aspectos da Oração

Agora, estamos aptos para prosseguir com a questão da oração propriamente dita. Em primeiro lugar, desejo falar um pouco sobre a natureza da oração ou daquilo que a constitui, a partir de seus diferentes

pontos de vista. Embora possam haver muitas outras abordagens diferentes, acredito que podemos resumir a oração nesses cinco principais aspectos: comunhão, submissão, petição, cooperação e conflito. A oração em sua plenitude envolve cada um deles, e demanda por todos.

Oração como Comunhão

Primeiramente, oração é comunhão e companheirismo. A oração é o amor abrindo o coração a Deus, e este é o fundamento de todas as outras formas verdadeiras de oração. Podemos associá-la às duas atividades principais do corpo humano: as orgânicas ou as funcionais. Um problema orgânico é muito grave, mas um problema funcional pode não ser tão sério. A oração como comunhão representa aquilo que é orgânico em nosso corpo. Um exemplo seria o nosso fôlego, que chamamos de respiração. Nunca paramos para pensar nisto! Nunca nos questionamos: 'Vou respirar mais uma vez?' 'Será que vou continuar respirando?' ou 'Quantas vezes respirarei hoje?' Você pode fazer isto ao pensar numa refeição, pois é funcional, mas jamais em relação à sua respiração, pois é orgânica. Podemos decidir quando vamos começar e parar de caminhar, falar e pensar. Essas coisas são controladas e deliberadas, mas não fazemos isto com nossa respiração, ela continua indefinidamente. Mas, se nossa respiração pudesse parar, o caminhar, falar e pensar tomariam o mesmo caminho, de modo que a respiração é fundamental para todo o resto.

E a oração como comunhão é para a vida espiritual o mesmo que a respiração é na vida física. A comunhão com Deus é algo contínuo, como a respiração, que é incessante, ou ao menos deveria ser. Ela difere completamente das atividades funcionais periódicas, como a alimentação. A respiração é completamente involuntária, algo não deliberado. Nós podemos chamá-la de hábito, é algo que facilmente foge da consciência plena de quem o adquiriu. Nós fazemos coisas habitualmente, sem consciência disso no momento em que as estamos fazendo. Quando um hábito está plenamente formado, simplesmente passa a fazer parte do nosso procedimento, e a comunhão com Deus é isto – algo intermitente. Oração como comunhão é estar em contato com o Senhor, de forma espontânea e involuntária, abrindo o nosso coração para Ele. Isso é fundamental em toda oração, e é algo que precisamos atentar. Embora nunca discutimos se vamos respirar ou não, existe algo semelhante a desenvolver uma respiração correta, e neste sentido precisamos prestar atenção em nossa respiração.

Penso que, de todas as pessoas que já conheci, a pessoa mais notável para exemplificar esta vida orgânica de comunhão com Deus foi Dr. F. B. Meyer. Não importava onde ele estivesse, ou quais fossem as circunstâncias, ele parava subitamente, talvez ditando uma carta, numa conversa, numa reunião, e apenas dizia: 'Pare um minuto!', e ele orava. Aquele era um hábito em sua vida, ele parecia estar a todo o momento em contato com o Senhor. Aquilo era como respirar para ele, e acredito que isto representou um dos segredos de sua vida frutífera e do valor de seu julgamento nas coisas do Senhor. Somente aqueles que tinham contato íntimo com ele, especialmente deliberando em situações difíceis, sabiam do valor de seu julgamento espiritual naquelas ocasiões. E tudo isso parecia chegar a ele simplesmente assim, como que do Senhor.

Bem, essa é a base da oração. É comunhão, companheirismo e abertura espontânea de coração ao Senhor. Não abrange toda a variedade da oração, mas é a vida que dá suporte à todas as demais atividades, é uma vida em contato com o Senhor, algo de grande valor. Todas as demais formas de oração só serão eficazes se tivermos essa base. Isso difere muito daquelas orações feitas somente em situações de emergência. Como as situações acabam por se tornar ainda mais críticas, porque precisamos encontrar o nosso caminho de volta a Deus, ao invés de já estarmos lá. Penso que muito frequentemente o Senhor permite as emergências, a fim de restaurar a nossa comunhão perdida com Ele, e o Seu propósito é que o fruto dessa situação seja uma comunhão ininterrupta. Devemos preservá-la.

Oração como Submissão

Em segundo lugar, oração é submissão. Neste ponto precisamos estar conscientes da possibilidade estarmos abordando termos contraditórios. Oração é submissão, mas a inércia passiva, que é denominada confiança, não. Temos ouvido pessoas dizerem que confiança representa para elas passividade e ausência de ação, porém, isto não equivale a oração. Submissão é sempre algo ativo, nunca passivo, pois não descarta a nossa vontade. Preste muita atenção nisto. Muitas pessoas pensam que apenas se apoiar confiantemente no Senhor indica submissão, e as palavras que dirigem a Ele assumem essas características, porém, isto não é oração. Aquiescência cega às coisas não é submissão. Submissão significa alinhar-se ao propósito Divino. Isto pode representar conflito, e irá, quase que invariavelmente, significar ação, envolvendo nossa vontade. A oração, independente do ponto de vista, sempre é algo positivo, jamais passivo. Confiança é uma outra coisa, e não entra no campo da oração. A fé sim,

entra no campo da oração, mas a fé é sempre algo ativo, nunca passivo. A fé pode demandar uma batalha - e muito frequentemente exige isso - para se chegar a um lugar de descanso, porém, o 'descanso da fé' não é o que temos chamado de aquiescência cega. O 'descanso da fé' significa que alcançamos o último estágio de ajuste ao propósito Divino. Submissão não é meramente a supressão do desejo, mas alinhar o desejo à vontade de Deus, e, se for necessário, mudá-lo.

O desejo pode ser algo muito forte, uma poderosa força propulsora, porém tal força precisa estar totalmente sob controle, a fim de que possa ser ajustada na direção de outra força maior. Para puxar um trem, uma tremenda quantidade de força é exigida, porém, um trem moderno está construído de uma maneira que a poderosa força propulsora que o leva adiante pode, num instante, ser direcionada para os freios, a fim de pará-lo. Na oração onde a submissão está em vista, isto é o que muito frequentemente acontece. A força do desejo deverá ser detida numa direção e ser trazida para outra, talvez nos impedindo de avançar, e trazendo-nos a uma parada, segundo a vontade de Deus. Isto é submissão. Submissão é algo ativo, positivo.

Já antecipo que haverão muitas dúvidas em relação a isso, mas é muito importante reconhecer que a oração, em seu segundo aspecto, é submissão, e que isso é algo positivo. Não é apenas se prostrar diante de Deus e dizer: 'Bem, creio que tudo irá sair bem. Apenas concordo com as coisas do jeito que estão e as deixo com o Senhor.' Submissão é estar positivamente alinhado à vontade de Deus, ao Seu propósito. Isto muito frequentemente significa profundo conflito, e, algumas vezes, pesar, mas é necessário. Iremos falar sobre isto mais adiante.

Oração como Petição

Em terceiro lugar, oração é petição, solicitação, pedido. Tudo significa a mesma coisa, seja qual for a palavra que você preferir. Aqui nós tocamos aquilo que é, talvez, o principal aspecto na atividade da oração. Sem dúvida alguma, este tipo de oração tem um espaço amplo nas Escrituras, e define o significado da palavra 'oração'.

Do ponto de vista da Escrituras, a oração significa petição, e, veremos essa ocorrência em quantidade esmagadora na Palavra de Deus. Talvez não iremos precisar de muitos argumentos ao longo dessa linha para provar isso, mas estou muito convencido de que, antes de prosseguir, uma nota de ênfase seja necessária, pois, afinal de contas, nossos maiores problemas surgem na direção do pedir, nesse campo da petição.

Certamente continuaremos orando e pedindo, apesar de tudo. Entretanto, para termos uma base bem estabelecida para pedir, precisamos reconhecer claramente que há um objetivo eficaz na oração. Não tenho dúvidas de que todos nós, em algum momento, temos alcançado muito pouco em nossas petições devido a alguma ponderação mental que enfraquece nossa certeza.

Me refiro à eficácia objetiva da oração. Com isso me refiro à uma oração que tem poder para mudar as coisas objetivamente, e não meramente exercer uma influência no nosso interior. Falo da oração que traz respostas exteriores e petições estabelecidas contra todos os falsos argumentos, tais como: 'a onisciência Divina torna a oração *desnecessária*'; 'Deus conhece tudo, sabe o que irá fazer, como irá fazer, e conhece o fim de todas as coisas desde o início, assim, para que orar?' Ou, novamente: 'a bondade Divina torna a oração *supérflua*'. 'Deus é bom, compassivo, misericordioso e longânimo. Ele somente irá fazer o melhor, pois Ele é amor, assim, a oração é *desnecessária*.' 'Por que pedir ao Senhor para fazer o bem, para ser gracioso, para mostrar benignidade e para fazer o melhor para nós? Por que não confiar na bondade de Deus?' Orar é *desnecessário*. Ou mais: 'a predestinação Divina torna a oração *inútil*'. 'Se Deus estabeleceu as coisas eternamente, então é *inútil* orar.'

Seguindo essa linha da soberania de Deus: 'o fato de Deus controlar e governar, de estar no trono e ter todas as coisas em Suas mãos – isto torna a oração em expressão de *incredulidade*'. 'Por que pedir, por que orar, quando todas as coisas estão nas mãos de Deus e Ele governa e dirige tudo segundo Sua soberania?' Mais ainda: 'a vastidão da lei e do propósito de Deus torna a oração *presunçosa*.' 'É *presunção* pedir a Deus para mudar as coisas, quando Ele tem realizado todas as coisas de acordo com as Suas leis eternas, e as coisas estão se movendo conforme a ordem por Ele estabelecida.' 'É *presunção* esperar que o Senhor abandone Sua ordem, ou pedir a Ele para assim fazê-lo.' (Veremos mais sobre isso no capítulo 4).

Talvez essas questões podem nunca ter passado pela sua mente desta maneira, porém independente disso vou sugerir que seu conteúdo pode penetrar sutilmente em nossa vida de oração, ocasionalmente, afetado-a, e extraíndo sua força.

Quando oramos, algo indefinível entra em cena: 'Bem, o Senhor sabe o que Ele irá fazer, então por que pedir? O Senhor é bom e gracioso, assim, por

que orar? O Senhor conhece o fim desde o princípio, então, por que não deveria eu confiar nele? O propósito do Senhor está estabelecido, então, por que deveria eu começar a lutar com Ele para mudar as coisas? Se Ele irá realizar o Seu propósito, e se a Sua mente está determinada, então, quem pode mudá-la?' A oração é afetada, se não pela própria definição dessa linguagem mental, mas por este senso de contradição que se levanta. Todas essas coisas entram na mente ou no coração, e têm uma tendência de impedir ou enfraquecer a oração. Devemos lidar com estas coisas mais plenamente na medida em que avançamos. Precisaremos reconhecer que o modernismo do nosso tempo realmente põe de lado a eficácia objetiva da oração, dando-lhe um valor meramente subjetivo, isto é, uma influência salutar naquele que ora, fazendo uma troca de, talvez, comportamento, mente, ou razão, por certas qualidades de reverência e coisas semelhantes.

Antes de abordarmos algumas dessas coisas mais plenamente, deixe-me dizer que há duas coisas que devem ser sempre mantidas em mente na oração peticional. A primeira é a necessidade dos outros dois aspectos previamente abordados: comunhão e submissão. A necessidade básica para a oração peticional é a de comunhão com o Senhor, de modo que a oração não se reduza meramente a pedir coisas, mas seja fruto de um companheirismo sincero com Ele. E isto requer submissão, de modo que as nossas petições não sejam voltadas para os nossos interesses pessoais, mas que, tenham sido trazidas a um alinhamento com a vontade de Deus. Estou apenas colocando de outra forma aquilo que está perfeitamente claro na Palavra de Deus, a saber: 'Se pedirdes alguma coisa segundo a Sua vontade'. Isto é submissão.

Em seguida a outra coisa que se deve ter em mente na oração peticional é que, considerando todas as dificuldades mentais que mencionei, ela se torna proeminentemente num ato de fé. Sim, decida se você irá seguir ao longo dessas linhas a respeito da soberania de Deus, predestinação, e assim por diante; contudo, cremos que Deus irá mudar as coisas. Apesar de todos os argumentos que poderiam minar e enfraquecer a oração, iremos continuar pedindo. Isto torna a oração peticional um ato proeminente de fé. Você pode dizer que é uma maneira muito simples de definir isso. Bem, nós ainda não terminamos, mas esta é a conclusão que temos que chegar. Mas não estou tentando encontrar uma resposta fácil para essa questão.

Oração como Cooperação

Há ainda outros dois aspectos da oração, um deles será tratado neste capítulo, e outro será abordado mais tarde.

O quarto aspecto que iremos abordar é a cooperação, e este seria o principal objetivo da oração. Esse aspecto está por trás de tudo, e irá nos posicionar corretamente na oração, em todos os seus aspectos. Comunhão, submissão, petição e conflito serão todos adequadamente ajustados, quando reconhecermos que orar é um ato de cooperação, pois todos esses outros aspectos e fases da oração visam a cooperação.

Cooperação é o motivo, a verdade, a vida, a liberdade, o poder e a glória da oração. O motivo da oração é a cooperação com Deus. Na verdade, oração é cooperação com Deus. Para termos vida na oração precisamos reconhecer que ela é um ato de cooperação com Deus. Se não estivermos em cooperação com Deus, podemos estar certos de que não teremos vida na oração.

A liberdade na oração vem pela linha da cooperação com Deus, e não teremos êxito nesse sentido, até que estejamos alinhados ao propósito de Deus. Encontramos liberdade tão logo nos alinharmos ao propósito de Deus, cooperando ativamente com Ele.

De certa forma o poder da oração está relacionado à cooperação com Deus. Pense em Elias, e outros, que cooperaram tanto com Deus e lembre da eficácia resultante de suas orações. O que foi realizado!

E, então, vemos a glória da oração. A oração se torna algo glorioso quando está cooperando com Deus de maneira inteligente e espiritual. Cooperação elimina o fator do egoísmo e tudo o que é meramente particular, sendo um de seus principais valores, pois a oração deve nos trazer para o propósito, o método, o tempo e a disposição Divinos. Todas essas coisas são importantes – não apenas conhecer o plano, mas o método de Deus para cumpri-lo. Mas não para aí, também não devemos conhecer somente o plano e o método, mas acompanhar o tempo de Deus. Finalmente, não devemos estar neste lado executivo, mas também com um espírito correto quando o tempo chegar, fazendo a coisa no Espírito, do modo do Senhor. Tudo isso é cooperação.

Podemos estar envolvidos na coisa certa, no modo e no tempo corretos, e, ainda assim, não estar ajudando o Senhor, porque estamos com uma disposição errada, em um espírito que não corresponde ao (espírito) do

Senhor. Oração em cooperação com Deus nos leva a fazer um ajuste em todas essas questões.

Há três fatores que são essenciais à oração. Em primeiro lugar, o desejo; em segundo lugar, a fé; e finalmente, a vontade. Vou me restringir a essa declaração.

Então, quando unimos a comunhão, a submissão e a petição, temos a cooperação. Quando essas coisas seguem juntas e estão ajustadas umas às outras, alinhadas à vontade de Deus, encontramos cooperação.

Talvez, seja propício lembrar a nós mesmos de que o Senhor pode nos chamar para um exercício inicial de nossa parte, antes que Ele intervenha a nosso favor. Ele requer de nós uma iniciativa na questão do desejo, da fé e da vontade. É como a gota de água que deve ser colocada na velha bomba, para então produzir o fluxo de água. Enquanto isso não acontecer, não teremos o fluir da água. E o Senhor por vezes apenas pede isto de nossa parte, o que pode ser considerado muito pouco, mas possibilita a Ele se manifestar em Sua plenitude.

É comum que a oração em seu início represente um exercício de vontade e de fé da nossa parte, e, então, o Senhor responde. Pode ser que o Senhor não responda até que Ele veja esse desejo colocado em uma ação deliberada de fé, que se achega a Ele. Muito frequentemente ficamos bastante desencorajados no início da oração, e o perigo é que podemos desistir muito cedo, por parecer que não estamos chegando a lugar algum. O Senhor está apenas pedindo aquela gota de água, para tudo começar a fluir!

Até agora mencionamos apenas quatro aspectos da oração, e algumas dificuldades relacionadas a elas, porém não esclarecemos nesse momento como lidar com elas. Iremos dedicar dois capítulos ao quinto aspecto da oração, e, então, voltaremos a abordar essas dificuldades, em busca de respostas. Contudo, vale ressaltar que as dificuldades estão de fato no campo da mente, e, embora possam, por vezes, interpor o caminho da fé, a fé triunfará, deixando seu poderoso legado, apesar dos obstáculos.

Em Contato com o Trono *por T. Austin-Sparks*

Capítulo 2

Oração como Combate

Ler: Neemias 4:9,17,20. Efésios 6:18.

Frequentemente a vida cristã é assemelhada com uma guerra, e vemos um apelo para que as pessoas venham a 'aderir às suas fileiras e entrar na batalha do Senhor'. Mas existe um vício nesse apelo, porque, embora esta batalha e grupo militante sejam verdadeiros, a real consciência dessa luta e combate não existe até que sejamos salvos e estejamos 'do lado do Senhor'. Quem não é convertido desconhece essa batalha. Para estes, o combate se trata de um relato, algo sobre o qual se fala, objetivamente, mas que está no exterior, e suas ideias a respeito são confusas e incorretas. Até que estejamos em Cristo, não conheceremos a realidade dessa batalha.

Não estamos interessados neste momento em discorrer somente sobre o combate da vida cristã no seu sentido geral. Estamos interessados naquela guerra que está especialmente ligada e relacionada ao pleno testemunho do Senhor Jesus. A concepção geral é que o combate cristão se relaciona com os males, erros, maus hábitos, coisas neste mundo e condições humanas que deveriam ser diferentes. E é exatamente nesse ponto que encontramos a concepção equivocada de homens e mulheres não convertidos. Eles pensam que entrar no exército cristão significa combater contra as maldades, erros e maus hábitos que abundam neste mundo. Mas quando realmente entramos em contato com o pleno testemunho do Senhor Jesus, logo desenvolvemos uma outra consciência: aquela de que não deveremos lutar apenas contra maldades, erros e pecados, mas contra forças espirituais – inteligentes, astutas, venenosas e maliciosas – que estão agindo por trás de todas as coisas. É com essa guerra que estamos interessados no momento. Aquela que está relacionada ao pleno testemunho do Senhor Jesus, ao Seu absoluto e perfeito senhorio neste universo, e esta guerra não é contra coisas, mas contra entidades espirituais, chefiadas por um grande personagem espiritual, o maligno.

Conflito Espiritual Implica numa Posição Espiritual

Esta guerra está relacionada a uma posição. Só teremos essa consciência em determinada esfera. Podemos ser cristãos, e podemos perceber adversidades, dificuldades, oposições e todas essas coisas que tornam a vida cristã difícil e cheia de conflitos, demandando por essas características militantes na vida. Contudo, podemos ainda não ter entrado na esfera suprema de batalha dos santos, e do testemunho do Senhor Jesus.

Mas, se cada um de nós, como crente, chegar à revelação da plenitude do Senhorio de Cristo, à grandeza da obra de Sua cruz e à luz da Igreja que é o Seu Corpo, então imediatamente adentramos em uma nova esfera de conflito, a característica da batalha muda. Começamos a desenvolver uma consciência, ou ela começa a crescer em nós, de que estamos enfrentando algo muito mais sinistro e mais inteligentemente maligno do que aqueles males que abundam no mundo. Ficamos cada vez mais conscientes de que é diretamente com o maligno e suas forças que estamos lidando.

Mas esta consciência está atrelada a uma posição específica, e a experiência dos crentes é que o quanto mais eles avançam com o Senhor (o que significa ascender do terreno para o celestial, cada vez mais para longe da velha criação em direção à nova, da carne para o espírito) mais intimamente eles entram em contato com as supremas forças espirituais do universo, e esse conflito assume novas formas, tendo um outro caráter. É um combate associado a uma posição alcançada pelo cristão, e à uma consciência que surge em uma esfera específica. É, em ampla medida, uma guerra espiritual, e, sendo assim, ela pressupõe uma condição espiritual da parte do cristão.

Colocando isto em outras palavras: quanto mais espirituais nos tornamos, mais espiritual se torna o combate; e mais espiritual a guerra passará a ser em nossa consciência e entendimento, de modo que perceberemos que temos nos tornado mais espirituais.

Quando somos carnis, nosso combate é carnal - e digo isso me referindo a crentes, não a descrentes. O incrédulo não é denominado carnal, mas natural. Quando somos crentes carnis, nossa guerra e nossas armas também são carnis. Ou seja, enfrentamos os homens em seus próprios níveis, respondendo às suas provocações da mesma maneira. Se eles nos atacam com argumentos, nós retribuimos com argumentos, se suas armas são a razão, nós também usaremos a razão; se a investida for pela força do

temperamento, nós reagiremos a eles no calor da carne; e se eles vêm a nós com críticas, bem, nós lhes devolveremos na mesma moeda, enfrentando-os sempre no mesmo nível.

Essa é uma guerra carnal, com o uso de armas carnis. Quando deixamos de ser carnis, abandonando totalmente esse terreno, nos tornando completamente espirituais, chegamos a um novo terreno, que age por trás dos homens, lidando diretamente com as forças espirituais, e não meramente com forças carnis. Entraremos em contato com algo que está por trás do homem carnal, por isso ele fica completamente impotente na presença de um homem espiritual, pela simples razão de não conseguir fazer com que o homem espiritual desça para o seu nível. Assim, ele fica desarmado e, mais cedo ou mais tarde, deverá reconhecer que o homem espiritual é superior. Mas a superioridade não ocorre apenas porque o homem espiritual está em um novo nível, mas é porque ele não está mais enfrentando o homem natural, e sim as forças que atuam por trás dele. Agora o combate é espiritual. Paramos de lutar segundo a carne, contra o homem, contra a carne, nosso combate acontece em outra esfera. Isto representa um avanço e crescimento espiritual, representa espiritualidade. Quando entramos na verdadeira guerra espiritual, esse novo estado é um pressuposto. Nessa esfera os recursos naturais do homem são completamente inúteis e são descartados, porque para esta guerra somente o equipamento espiritual é permitido e é de fato eficaz. Esse combate é travado com armas e recursos espirituais. Em Efésios 6 nos vemos nos lugares celestiais, lutando, não contra carne e sangue, mas com os principados e potestades, porém equipados com a armadura espiritual, a armadura de Deus.

A Vida de Oração – O Alvo do Inimigo

Depois de abordar esse ponto preliminar, chegamos ao ponto de importância básica para nós: que o campo desta batalha é a oração. Quando o Apóstolo Paulo nos mostrou a completa armadura de Deus, com todas as suas partes, e nos exortou a resistirmos, nos revestindo dela, ele estendeu o terreno debaixo dos nossos pés, dizendo: “com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos”. O campo de batalha dessa luta é a oração. Ou seja, esta batalha é vencida na esfera da oração, que é onde essas forças são enfrentadas e derrotadas. Sendo assim, o principal objetivo do inimigo é a vida de oração do cristão. Este é o ponto focal de toda a atenção e estratégia do inimigo.

Esta é uma questão de máxima importância para nossa compreensão e identificação. O ponto focal de toda a atenção e estratégia do inimigo é a vida de oração do cristão. Se ele puder destruir isto de alguma maneira, ele ganhou o dia, derrotou os santos e frustrou os propósitos de Deus. O inimigo combate de maneira persistente, enérgica, violenta e astuta a vida de oração do cristão. Ele faz isso de formas variadas, primeiramente por meio de linhas preventivas, para impedi-la, e por isso haverá uma tremenda batalha e conflito para *conseguir* orar - não apenas orar, mas conseguir orar, de fato - e ele empregará toda a sua perspicácia, astúcia, artimanhas, e desenvoltura para impedir a verdadeira oração espiritual. Vamos nos concentrar mais nesse assunto.

O Combate da Oração

Estou certo de que a maioria concorda comigo quando digo que uma das coisas mais difíceis, se não for *a* mais difícil, é ser capaz de conseguir orar, e se entregar a isso. Quando contemplamos a oração, encontramos diversas dificuldades inesperadas e imprevistas que nos espreitam, e se arremetem sobre nós. Qualquer coisa para impedir a oração! Não estou falando de coisas que você não saiba, mas digo isto para que reconheça de maneira clara, definitiva e deliberada, e encare o fato de que não são apenas as circunstâncias comuns que impedem a sua oração, mas tudo se trata de um esquema intencional, bem ordenado pelo inimigo. Em vez de se opor, o inimigo irá promover mil e uma ocupações para o Senhor, se por meio delas ele puder impedir a oração. Ele não se importa se estivermos ocupados com a obra do Senhor, nem se estamos pregando e conduzindo reuniões, denomine como for. Ele sabe muito bem que toda a obra feita para o Senhor que não for fundamentada em uma oração espiritual triunfante valerá muito pouco no longo prazo e fatalmente sucumbirá. Ele não se importa com a nossa obra. Trabalhe para o Senhor o máximo que puder, mas, se deixar a oração de lado, não terá muito êxito. Uma das sutilezas do inimigo é nos fazer ficar ocupados, tão agitados e sobrecarregados com aquilo que acreditamos ser as coisas do Senhor e Sua obra, que nossa oração fica reduzida e limitada, se não quase que inteiramente descartada. O Senhor jamais aceitará essa desculpa: 'Senhor, estou muito envolvido em Seus interesses para orar'. O Senhor jamais favorece uma atitude como essa.

Lembre-se que quando os filhos de Israel começaram a mencionar seu êxodo do Egito, a reação do inimigo foi dobrar o seu serviço, e isso para fazê-los ficar tão ocupados com o serviço, que não haveria mais tempo para contemplar o êxodo. Logo que nos propomos a estabelecer uma vida

de oração mais plena, o inimigo lança um novo esquema para manter-nos mais ocupados, aumentando o serviço e as demandas de modo que não tenhamos tempo ou oportunidade para orar.

Penso que devemos encarar essa questão. Naturalmente existem muitos argumentos sobre o dever, a obrigação e a responsabilidade, e pode soar como se colocar algumas coisas de lado para orar seria negligenciar o dever, ou faltar com a obrigação ou a responsabilidade, mas existe um momento quando devemos lançar essas questões diante do Senhor, e orar.

Certo, evidentemente, a aplicação disso é muito difícil. Sempre corremos riscos em dizer coisas assim, porque existem pessoas que estão mais do que prontas para abandonar as suas responsabilidades, ou que sequer gostam de assumi-las. Elas simplesmente estariam prontas e muito felizes em transferir suas tarefas domésticas para outra pessoa, enquanto cultivariam sua vida devocional. O Senhor precisa salvaguardar esta palavra. Precisamos reconhecer o seguinte: que o inimigo irá construir os seus melhores argumentos sobre a responsabilidade e o dever para nos impedir de orar, então, se percebermos que a oração está completamente descartada, ou reduzida ao ponto que seja completamente inadequada para uma vida espiritual ascendente e de vitória, devemos dizer: ‘Senhor, entregarei a responsabilidade a Ti enquanto oro, confio que o Senhor não irá permitir que a minha interrupção neste momento provoque danos, e que o Senhor guardará esta hora de oração da invasão do inimigo – pois a busco para Tua glória’.

O princípio do dízimo realmente funciona, até mesmo nessa questão. Dê a Deus a Sua porção, o Seu espaço, e descobrirá que quando tiver dado ao Senhor o Seu décimo, será capaz de fazer mais com os nove décimos que sobraram do que você poderia fazer com todos os dez. Este princípio funciona. Mas haverá um combate para orar, e a necessidade é de um forte, poderoso, deliberado e determinado permanecer em Cristo, por meio da vitória de Sua Cruz, para começar a orar, trazendo o valor pleno da vitória da cruz do Senhor Jesus para garantir a oração e remover o inimigo do terreno, de modo que este esteja guardado. É como aconteceu com Sama, quando ficou no terreno cheio de lentilhas com a espada em suas mãos e, sozinho, lutou contra os Filisteus, defendendo aquele terreno, e o Senhor operou um grande livramento [2Sm 23:11]. O terreno de lentilhas pode representar o nosso terreno de oração, que precisa ser defendido contra o inimigo na plenitude da vitória do Calvário. Há um combate para orar. Temo que temos muito frequentemente aceitado a

situação de que não será possível orar agora mesmo, ou que as coisas estão estabelecidas de maneira que torna quase que fora de cogitação orar. Sim, assim será, se o Diabo tiver o seu espaço; tudo acontecerá para tornar a oração impossível. Esta é uma de suas táticas. Temos que limpar o terreno para a oração na vitória do Nome do Senhor, e por Sua Cruz. A Cruz é tão eficaz em guardar o momento da oração, se nós a aplicarmos, como é em qualquer outra área.

Porém, devemos iniciar a oração na base da vitória. Devemos assumir esta atitude, que será, cada vez mais, necessária: 'Agora devemos orar. Tudo torna a oração impossível no lado humano, mas, Senhor, suplico na vitória do Calvário por um tempo e um espaço livre para a oração'. Devemos permanecer baseados nessa vitória, o que pode representar perseverança até chegarmos lá. Não serão apenas as muitas coisas que nos pressionarão por meio de circunstâncias e acontecimentos externos, para não deixar nenhum espaço para o tempo de oração. Quão verdadeiro é que, quando realmente nos ajoelhamos, ainda assim a oração sofre resistência! Pode não ser nada exterior, uma campainha ou telefone tocando, nem alguma pessoa chamando. Podemos estar no silêncio do nosso próprio quarto e de joelhos, e, então, uma poderosa atividade perturbadora tem início. Pode não ser algo físico. Podemos subitamente desenvolver uma consciência a respeito de algo físico que não ocorria momentos antes, e isto irá ameaçar todo o nosso momento de oração, de modo que descobrimos que fisicamente deveremos erguer um tremendo fardo, muito opressivo. Podemos até desenvolver sintomas de doenças, que não tínhamos a menor consciência antes. Esses são fatos. Então, condições mentais podem surgir, do meio do nada. Imediatamente, percebemos o influxo de mil e uma coisas na mente! E começamos a refletir a respeito de coisas que não nos incomodavam até então. E o que dizer sobre aquele senso de dormência, frieza, distância e fantasia que nos acomete em alguns momentos? Se orarmos audivelmente, nossa voz parece estranha e distante, e parecemos estar falando palavras ao vento. Todas essas coisas, e muitas outras, nos sobrevêm quando nos propomos a orar. Elas surgem bem no início, e por um momento enfrentamos todo tipo de desencorajamento e restrição para orar, e, se tomarmos os primeiros cinco, dez ou quinze minutos como critério, desistiremos, iremos parar e fazer outra coisa.

Sim, o inimigo está pronto para impedir a oração, e há uma fase dessa batalha que deve ser vencida para conseguirmos orar. Repito, talvez isto não seja nada novo para você – a menos que, naturalmente, você nunca

tenha tido uma vida de oração, ou nunca assumiu seriamente esse encargo. Mas não estou falando tudo isto para informá-lo. Digo para que possamos reconhecer que esse é um chamado para o combate. É o combate dos santos *conseguir orar*, e não somente permanecer orando. Existe esse aspecto da atividade do inimigo que é de impedir a oração, e superar isto é uma batalha. Deveremos 'permanecer firmes', tomando uma posição, e resistindo em oração, em favor da própria oração.

Espero que abordar isso, que é um fato tão real na nossa experiência, venha a gerar o efeito de fazer-nos reconhecer que no futuro, nossa vida de oração não se desenvolverá se o inimigo puder impedir, e se vamos conseguir vencer, e ela se desenvolver, então deveremos aguentar firme. Ela não irá simplesmente surgir do nada, nem seremos simplesmente plantados nela. Nunca seremos impelidos à uma poderosa vida de oração, nem caminharemos com facilidade em direção a ela. Descobriremos que há conflito e batalha para consegui-la, que o inimigo usará todo tipo de coisa que ele tiver sob seu comando sobrenatural para impedi-la. Nós teremos que lutar pela nossa vida de oração, e, quanto mais avançarmos com o Senhor espiritualmente, mais atestaremos desse fato. O ponto não é que o inimigo esteja pronto para nos impedir de ter uma vida pessoal de oração. Não é contra isto que ele se opõe. É contra o testemunho do Senhor Jesus que ele luta, e esse testemunho está intimamente ligado à vida de oração do povo do Senhor. Nós, enquanto indivíduos, seres humanos, não significamos nada para o inimigo. Nossa importância está relacionada àquilo que está associado a nós, e naquilo que somos associados em Cristo – Seu senhorio e Sua glória.

O que Está Envolvido na Oração

Será que não te ocorre que esta resistência à vida de oração por parte do inimigo implica, ou declara e proclama pelo aspecto positivo, que a glória e a honra do Senhor, Seu nome e Seu testemunho estão proeminentemente assegurados pela oração? Se este é o ponto focal da atividade do inimigo, isso significa que os interesses mais elevados do Senhor se beneficiam da oração, estabelecendo-a em primeiro lugar. Isto, novamente, não é novidade, mas é apenas uma ênfase a respeito desse fato do inimigo estar sempre tentando colocar a oração em último lugar. Ele tentará apresentar qualquer outra coisa relacionada ao Senhor como uma prioridade à oração. Não importa como colocamos essa questão, ou o que dizemos para o povo de Deus a esse respeito, não conseguimos leva-los a compreender. 'Oh, hoje à noite é apenas uma reunião de oração!' No domingo à noite, quando temos o ministério da Palavra e a pregação,

contamos com a presença maciça das pessoas, mas na reunião noturna de oração ela talvez contará com mais da metade da capacidade. E isto considerando que no domingo à noite mencionamos que nosso principal ministério é a oração, e que tudo mais perde o valor se a nossa vida de oração fracassar! Podemos falar tudo o que quisermos a esse respeito, enfatizar e acentuar, não faz qualquer diferença. Devo confessar que fico muitas vezes perplexo com o fato de que muitas pessoas realmente espirituais – e dou a elas esse crédito – se espremam em reuniões de pregações e conferências, mas sejam raramente vistas em reuniões de oração, deixando a cargo de tão poucos sustentar a vida corporativa de oração da assembleia.

Sim, é como se ouvir uma pregação fosse a coisa principal, e obter ensino bíblico fosse o mais importante. Não, caro amigo! Não, absolutamente! Tudo isso pode se tornar vital, vivo e eficaz desde que nossa vida de oração, individual e corporativamente, seja mantida forte e tenha a primazia. Assim, receba a qualquer que seja a correção na palavra, pois essa é a verdade, não é? Todos nós temos sido culpados disso, e precisamos dizer a nós mesmos: "Tu és o homem" [2Sm 12:7]. Precisamos ter a mesma estimativa do Senhor sobre o valor da oração, e, percorrendo Sua Palavra, descobriremos que Ele estima a oração acima de qualquer outra coisa, dentre Seu povo. Olhe para a Sua própria vida! Que espantoso que Ele, na qualidade de Filho de Deus, considerando tudo o que Ele era, ainda assim mantivesse tal vida de oração! "Tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto e ali orava" [Mc 1:35] ou "passou a noite orando a Deus" [Lc 6:12]. Sim, Ele orava!

Será que já te ocorreu que algumas das revelações mais gloriosas da verdade que temos na Bíblia foram concedidas em orações? Leia aquelas orações de Paulo em Efésios e Colossenses! "Por esta causa, me ponho de joelhos diante do Pai" [Ef 3:14], e daí ele prossegue com sua oração, e nela temos uma revelação incomparável. Veio em uma oração, de modo que o nosso ensino se baseia na vida de oração de um homem. Nossa luz, em seu verdadeiro valor, vem da oração, e não há nenhuma luz com real valor que não seja nascida de oração. Todo o valor da verdade depende da oração que está por trás dela, de modo que nossas conferências, reuniões, palestras, e toda a verdade que recebemos, permanecerá como algo muito negativo, se não houver uma vida de oração proporcional da nossa parte em relação a ela. Devemos orar antes e orar depois, e sinto que após uma conferência a coisa a se fazer é começar a orar mais do que nunca, baseados do que nos foi dito, apresentando tudo ao Senhor. Se fizéssemos

isto, quanto mais fruto haveria a partir de nossas conferências! Ao invés de ter a verdade em nossos cadernos, deveríamos tê-la em nossas vidas. Ao invés de estarmos tão familiarizados com a verdade, estaríamos experimentando o seu poder operante, se nos voltássemos ao Senhor em oração. Ninguém está mais consciente da necessidade dessa verdade do que eu neste momento, mas nós estamos compartilhando dessas coisas e creio que todos nós as estaremos guardando no coração. Oh, que dia será esse quando teremos a reunião de oração tão lotada quanto qualquer outra conferência, e isso não pelos números, mas pelo reconhecimento do lugar proeminente da oração. Isso apenas demanda uma compreensão do valor que Deus dá a oração, para que a consideremos como tão importante quanto qualquer conferência. *Que o Senhor leve isto a queimar em nossos corações, pois esta é a obra proeminente – a oração.*

Apesar de não ter falado algo grande, é de extrema importância. Vamos nos lembrar da palavra relacionada à determinação do inimigo de impedir a oração. Vamos prosseguir para evidenciar que se o inimigo não puder impedi-la, tentará interrompê-la, e, se ele falhar nessa segunda empreitada, tentará destruí-la posteriormente. Há outros aspectos, mas talvez já tenhamos visto o suficiente para nos colocar em uma posição muito definida em relação a assumir nossa vida de oração em nome do Senhor.

Em Contato com o Trono *por T. Austin-Sparks*

Capítulo 3

Oração como Combate (continuação)

Ler: 1 Reis 18:30-32, 36-38, 42-45 / Tiago 5:17-18 / Efésios 6:18.

Observamos a verdade sobre a atividade do inimigo no aspecto da prevenção da oração, mas o mesmo também ocorre no sentido de sua interrupção. Não me refiro apenas a interrupções durante a oração, mas a uma ação sutil do inimigo no sentido de interferir na continuidade da própria vida de oração. Podemos garantir períodos de oração triunfante por talvez uma semana ou até mais, e então algo é introduzido para suspendê-la até que ela seja perdida, e descobrimos após um período de tempo, que será necessário travar uma batalha tremenda para recuperar aquela vida de oração.

A história da vida de oração de muitos é irregular, cheia de remendos, sempre demandando a restauração do terreno perdido após a interrupção do inimigo. Assim devemos atentar, vigiando especialmente em relação à reações depois de períodos de oração intensa, quando tendemos a afrouxar, por sentir que depois daquele tempo difícil podemos tirar um feriado espiritual.

Existe um grande perigo nisso, como foi provado por Davi. Num tempo quando os reis saíam para guerrear, ele subiu ao terraço. Então, aquilo que o inimigo não pode prevenir ou interromper, ele finalmente tentará destruir. Ou seja, ele tentará arruinar a vida de oração posteriormente. Nós podemos estar passando por momentos intensos, mas, se o inimigo não puder atacar diretamente nossa vida de oração, ele estará sempre disposto a arruiná-la por outro ângulo que não pareça estar imediatamente relacionado a ela, mas que nos incapacitará para sua atividade. Nossa vida de oração pode ser muito forte, boa e consistente, porém, algo acontece em alguma outra parte de nossa vida, talvez em algum relacionamento, e, ao orarmos, descobrimos que aquilo representa um golpe direto na nossa vida de oração, e não conseguiremos prosseguir até que aquilo seja resolvido.

Precisamos reconhecer que todas essas coisas são simples esforços do inimigo, parte de um esquema altamente organizado para destruir ou

interferir, direta ou indiretamente na nossa vida de oração. Assim, descobriremos que a nossa vida de oração é o ponto focal de tudo.

É quando realmente começamos a orar que descobrimos nossa verdadeira posição em todos os relacionamentos da nossa vida. A iniquidade que acolhemos em nossos corações pode não ter uma relação direta com a nossa vida de oração, porém será um golpe indireto terrível sobre ela. Coisas que podem ser menos importantes, ainda assim podem arruinar a nossa vida de oração, e o inimigo está sempre usando-as com esse propósito. Percebemos o verdadeiro estado das coisas quando vamos orar. Podemos não reconhecer inicialmente o verdadeiro sentido de alguma coisa, seja um relacionamento interrompido ou hostil, um propósito errado, ou qualquer outra brecha. Podemos não reconhecer exatamente o que aquilo significa, até assumirmos uma forte vida de oração. Então, descobriremos que aquilo está roubando nossa vida de oração, e não conseguimos prosseguir. Descobrimos que tem ocorrido uma obra sutil na periferia da nossa vida, focada em sua essência. O inimigo deseja destruir a nossa vida de oração, por assim dizer, atirando coisas nela a partir de fora, para com isso torná-la impossível. Acredito que a partir da nossa experiência, cada um de nós compreende o que digo.

A Universalidade da Oração

Agora vamos nos estender um pouco mais neste conflito espiritual. Essas passagens que lemos nos mostram uma posição muito abrangente. Em 1 Reis 18 temos o registro da história do combate de Elias no monte Carmelo que é, sem dúvida alguma, uma ilustração no Velho Testamento da verdade do Novo Testamento, especialmente descrita em Efésios 6. Os dois caminham juntos como tipo e antítipo, parte e contraparte, e o que é comum a ambos é que a esfera do conflito está nos lugares celestiais. O que Tiago diz conduz toda esta questão para os céus: o abrir e fechar dos céus, o governo dos céus [Tg 5:17,18]. Os céus são o principal objetivo em vista aqui, e este conflito se relaciona com o céu e as regiões celestiais: “a nossa luta... nas regiões celestes” [Ef 6:12]. O conflito de Elias era de fato um conflito nos céus, envolvendo forças celestiais. Isto, a meu ver, é patente, e representa uma característica comum a essas duas porções da Palavra.

Este conflito espiritual em particular no qual nos encontramos quando chegamos ao pleno propósito e testemunho de Deus em Cristo, está, em sua última análise, relacionado ao governo dos céus. Quem irá governar os

céus? Temos os principados, potestades, dominadores deste mundo tenebroso e as hostes espirituais da maldade que têm assumido esse lugar de governo. Eles estão num lugar usurpado, pois este não é o propósito eterno de Deus, nem Sua vontade. Cristo é o Cabeça, e Sua Igreja com Seus membros são, no propósito de Deus, chamados a governar nos céus, para governar a partir dali. É uma questão de saber como ficarão os céus nesta situação, se eles serão satânicos, ou se manifestarão o absoluto senhorio do Senhor Jesus na Igreja e por meio dela, que é o Seu Corpo. São as regiões celestiais e suas realidades governantes que estão envolvidas no nosso conflito. Esta é a esfera deste combate, ele se relaciona à nossa vida de oração, e não simplesmente aos incidentes que nos acometem aqui na terra. Oh, que o povo de Deus possa reconhecer a imensidão disso, pois muito frequentemente a maior parte de nossa oração permanece no campo das coisas triviais, e grande parte do tempo é tomada para falar ao Senhor a respeito das pequenas coisas de nossa vida comum e terrena que, embora possam ser importantes e de grande valor para nós em nossa vida terrena, não tocam nas coisas mais importantes dentro do propósito de Deus.

Há uma grande diferença entre orar pelas coisas daqui de baixo e orar contra as forças imensas do universo, atingindo as coisas celestiais. O povo do Senhor precisa ser levantado em oração para a esfera que afetará, tocará e atingirá aquilo que é poderoso, celestial, eterno e universal. Há uma grande necessidade de sermos levados à nossa posição celestial na questão da oração, para tocar as questões realmente espirituais que estão por trás das demais.

Geralmente o Senhor não permite que nossas orações sejam eficazes nos detalhes terrenos que envolvem nossas vidas, porque Ele deseja que vejamos que existe algo por trás dessas coisas que tem maior importância.

Algumas vezes oramos para que algo aconteça, pedindo por uma mudança, ou clamando para que um evento cesse, porém nada acontece. O Senhor busca mostrar-nos – depois de termos nos lançado tão plenamente quanto possível sobre a questão – que existe uma chave espiritual para aquela situação, e Ele não pode simplesmente agir na esfera terrena a nosso favor, pois aquilo não seria de modo algum benéfico para o aumento de nossa inteligência espiritual, compreensão, conhecimento ou valor, pois dessa forma Ele estaria simplesmente fazendo as coisas porque O pedimos. Ele está tentando nos instruir e ensinar, para que entremos na posse de situações espirituais.

Bem, a esfera deste conflito são os lugares celestiais.

A Igreja – a Motivo do Conflito

Qual é o motivo do conflito? Por que ele ocorre? Bem, a partir do contexto das passagens de 1 Reis 18 e Efésios 6, percebemos que o motivo do conflito é a Igreja. A Igreja é primeiro objeto em vista. Em 1 Reis 18, naturalmente, vemos o povo de Deus. A oração de Elias se relacionava à restauração de seus corações. O povo do Senhor era o foco e a sua oração era a favor deles. Assim, Elias os envolveu, trazendo-os para perto e associando-os àquela situação, porque assunto lhes dizia respeito. Sabemos que aquilo que está em vista na carta aos Efésios é a Igreja, que é o Seu Corpo, e ela é o motivo do conflito. Temos uma batalha nos lugares celestiais em relação a Igreja, o Corpo de Cristo.

Vamos falar duas coisas a esse respeito. Primeiro, que essa não é meramente uma questão pessoal, mas coletiva, corporativa. Este conflito diz respeito ao Corpo de Cristo, e o conflito pessoal de cada indivíduo está relacionado ao restante dos santos, de modo que existe um relacionamento espiritual ali, significando que, se um membro sofre, o Corpo como um todo também sofre espiritualmente. Aquele membro pode não saber o porquê, nem estar consciente de seu próprio sofrimento, mas, haverá um registro na Cabeça, que tem consciência disso, e conseqüentemente haverá uma perda em todo o Corpo quando um membro for derrotado. O conflito é relacionado, e dessa forma, o inimigo procura isolar os membros do Corpo, trazendo tamanha pressão sobre eles ao ponto de esmagá-los, pois ele sabe que o valor não reside apenas no membro isolado, mas na relação entre eles. É por isso que existe tanta ênfase espiritual, por parte da inteligência do Espírito Santo, sobre a necessidade de se orar por todos os santos, da oração corporativa, da oração de comunhão do povo do Senhor. Haverá perda para Cristo, o Cabeça, se essa oração a favor de todos os santos não for proferida.

Cristo em Glória – o Objeto do Conflito

Outra ponto que desejo mencionar é que não é a Igreja, como o Corpo, que é o ponto mais importante do conflito, embora seja a sua causa imediata. Não devemos colocar a Igreja, o Corpo de Cristo, no lugar de preeminência. Ela é a causa, mas não é o objetivo final. A Igreja, o Corpo de Cristo, é o Seu instrumento, Seu vaso para o Seu testemunho. Seu testemunho está depositado no Corpo. Foi isso que aconteceu em Sua ressurreição, e no Pentecostes o testemunho de Sua vitória, exaltação, glorificação e o testemunho de Sua autoridade universal no céu e na terra

foi depositado na Igreja. Como o templo no Antigo Testamento era o santuário da glória de Deus, assim ocorre com o Corpo de Cristo no Novo Testamento. Ele é o santuário de Sua glória, Seu testemunho e Seu Nome. O inimigo concentra sua atenção no vaso eleito, na Igreja, o Corpo de Cristo com o objetivo final de atingir esta glória, este Nome, e esta exaltação. Dessa forma, a Igreja se torna a causa do conflito, embora não seja o fim, mas o inimigo atinge a Cristo, Seu Nome e a Sua glória através do Corpo. Sabemos que isto era verdadeiro no Antigo Testamento.

Quando Israel estava em estado de decadência, a glória e a honra do Senhor, Seu Nome e Sua majestade ficavam encobertos, anuviados e eram perdidos de vista. Quando a vida espiritual de Israel estava em ascendência, então o testemunho de Jeová era mantido em plena força. No Novo Testamento, e em nosso tempo, nesta era, a maneira do inimigo desonrar o Senhor é destruindo a vida de oração do povo do Senhor, ou quebrando a comunhão dos santos.

Assim a Igreja, o Corpo, torna-se a causa do conflito, por causa daquilo que está em sua vocação, propósito e objetivo divinamente ordenados. O ódio amargo do inimigo e sua violenta oposição estão direcionados contra a vida corporativa do povo do Senhor. Ele irá tentar de qualquer maneira destruir isto, rompendo a comunhão dos santos, colocando o povo do Senhor uns contra os outros, e introduzindo coisas que visam desintegrar – mas, oh, quão sutis são os seus caminhos!

O Valor Estratégico da Vigilância

Assim, caro amigo, acredito que devemos seguir os passos de Neemias e do Apóstolo, conforme somos exortados nessas porções das Escrituras: "pusemos guarda contra eles" [Ne 4:9]; "para isto vigiando" [Ef 6:18]; porque como podemos perceber em ambos os casos, a vigilância era relacionada às artimanhas do inimigo. Vigiar contra as astúcias e sutilezas do inimigo na prática irá, em um sentido, representar que devemos nos certificar de que os rumores que ouvimos e as informações que chegam até nós são absolutamente fidedignas. Devemos nos certificar – "examinai tudo" [1Ts 5:21 – ARC]. Podemos ser divididos e separados por um rumor, entrando em discórdia devido à uma simples insinuação. Nesses dias, quando a atmosfera está sobrecarregada de medo e suspeita, precisamos apenas sugerir a possibilidade de alguém não estar 'muito firme' e uma brecha espiritual de comunhão é criada, uma brecha é estabelecida. Se apenas fôssemos vigilantes e nos certificássemos daquilo que ouvimos, descobriríamos que grande parte de nossas divisões foram

desnecessárias e injustificadas, e aquilo representou uma grande perda para o próprio Senhor e para o Seu povo, pois quando começamos a compreender melhor e peneirar aquilo que vem até nós, descobrimos que não há nada ali, ou, se houver, percebemos que existe uma explicação e não poderemos falhar em acatar aquilo como sendo correto, em toda honestidade de nosso coração. É assim que geralmente as coisas funcionam.

Mas, vigiar contra essas astúcias do Diabo! Seus métodos para arruinar a vida corporativa do povo do Senhor estão além da nossa capacidade de enumerar, e é aí que a oração e a vigilância são necessárias. A oração deve resultar em inteligência em relação às astúcias do inimigo, e 'vigiar em oração' é vigiar e orar para conseguir descobrir, em oração, o que o inimigo está buscando e como ele está agindo.

Não queremos ficar obcecados com o inimigo, sempre tendo os nossos olhos voltados para ele, mas precisamos reconhecer os fatos como eles são. É um fato que, durante esses quase dois milênios, o inimigo tornou seu objetivo principal e incessante destruir a comunhão do povo de Deus. Será isto verdade? Isto é história? Se for verdade, o que significa? Que quando tivermos algo que realmente, em alguma medida, represente aquilo que é precioso para o Senhor - algo com características espirituais, que incorpore algum elemento precioso do Seu testemunho - então aquilo se tornará no objeto da malignidade satânica no sentido de rachar, causar cismas e divisões de alguma forma, por meio de verdades ou mentiras. Isto é história, e certamente isto revela o segredo de que uma Igreja em comunhão, um Corpo bem ajustado e ligado, que se move junto dentro da vontade de Deus, se torna numa grande ameaça aos principados e dominadores espirituais no universo.

Assim, devemos voltar a nossa atenção para isso. Vamos nos dispor à comunhão espiritual! Isto não significa ser transigente com coisas que são contrárias à Palavra de Deus, nem descer de nenhuma posição espiritual que o Senhor, por um alto preço, nos concedeu. Devemos estar posicionados como Neemias, quando seus inimigos diziam: "Vem, encontremo-nos, nas aldeias, no vale de Ono" Neemias replicou: "Estou fazendo grande obra, de modo que não poderei descer" [Ne 6:2,3]. Não há necessidade de descer para tratar de coisas que estão além do ponto da discussão. Porém, caro amigo, qualquer posição espiritual alcançada através de alto preço e de profunda obra interior da cruz, só pode ser sustentada em relação a todos os santos. Não pode estar dissociada deles, nem podem esses que estão nesta posição serem considerados

como separados do demais. Não! Seja qual for a diferença de posição espiritual, a comunhão com todos os santos precisa ser ambicionada e sustentada o máximo possível, essa deve ser uma busca. Desejo reforçar isso, com a mesma ênfase que está em meu próprio coração, porque o propósito do Senhor em conceder luz e verdade pode ser impedido, se a recepção e sustentação desta posição constituir aqueles que a recebem em pessoas separadas do resto dos santos. O Senhor tem dado isto para o Corpo; e se for mantido como algo separado, então o propósito para o qual Ele deu foi perdido. Guarde isto no coração definitivamente!

Dessa forma, a causa do conflito é a Igreja, devido ao seu chamado e vocação celestiais. Isto não é algo particular, nem local: é universal. O Corpo de Cristo é uma realidade universal.

A Base da Vitória

Vamos nos referir brevemente à base da vitória neste conflito. Essa base é representada, sem dúvida, pelo altar em 1 Reis 18, conforme vemos na carta aos Efésios. Antes de alcançarmos nossa posição nos lugares celestiais, para enfrentar o conflito e triunfo celestiais, precisaremos passar pelos primeiros capítulos de Efésios e reconhecer que uma morte ocorreu, ali estava um altar, e nele morremos. Então fomos vivificados e ressuscitados juntamente com o Senhor. Todos os aspectos da cruz, representada pelo altar, estão implícitos no início da carta aos Efésios. Elias tomou doze pedras, e edificou o altar. Essas doze pedras indicam o aspecto governamental em relação ao altar, pois doze é o número usado para tipificar o governo. O altar formado por doze pedras torna-se o instrumento, o princípio governamental neste conflito, nas mãos de Deus. O governo está na cruz, e acontece por meio dela, pois foi assim que o Senhor triunfou, despojando os principados e potestades, expondo-os publicamente ao desprezo. Me pergunto se ficamos impressionados ao ler esses fragmentos de 1 Reis 18: “segundo o número das tribos dos filhos de Jacó, ao qual viera a palavra do Senhor, dizendo: Israel será o teu nome” [vs 31]. O que significa isto? Bem, Israel significa ‘um príncipe com Deus’, assim, no verso 31 nós vislumbramos os filhos de um príncipe de Deus representados no altar, na cruz.

Simbolicamente, isto nos remete muito claramente à base pela qual chegamos a nossa posição de príncipes, essa posição governamental em Cristo, que é o Príncipe com Deus. Ele é maior que Israel, pois Ele é o Príncipe com Deus, e nós somos filhos nEle, participando da Sua Realeza. Chegamos à uma posição de autoridade espiritual em Cristo, nos lugares

celestiais, mas tudo ligado ao altar, à cruz. A cruz é a base da vitória, e isto é confirmado novamente, não apenas pelo testemunho do céu, da Palavra de Deus, mas também pelo testemunho do inferno. Satanás é uma testemunha não usual, relutante da verdade neste sentido – às vezes me pergunto se ele não seria uma testemunha inconsciente – pois está perfeitamente claro que ele odiou a cruz, e tentou num primeiro momento manter o Senhor Jesus longe dela: “isso de modo algum te acontecerá” [Mt 16:22]. Porém Jesus virou-se e disse: “Arreda, Satanás!” [vs 23]. Satanás estava tentando manter o Senhor Jesus longe da cruz, e ao fracassar, tentou tirá-Lo de lá: “se és Filho de Deus, e desce da cruz!” [Mt 27:40]. Vemos todas aquelas sugestões sutis: “Desça da cruz, e creemos nele” [vs 42]. Ele veio para que o mundo nEle cresse, mas, não! Esse segundo método do inimigo também não teve êxito.

Apesar do inimigo fracassar por esses caminhos, e a cruz ter sido efetivada apesar de suas tentativas de impedir, ele agora tentará mudar e deturpar a pregação da cruz, a fim de torná-la sem efeito. Ele irá fazer com que as pessoas preguem sobre ela, e nessa própria pregação, a tornem vazia. Isto é extraordinariamente sutil! Isso serve também para que tenhamos consciência de quão longe o inimigo pode ir nessa questão. Ele promoverá a pregação da cruz, e a cruz pregada por meio de sua instigação e influência será tornada sem efeito. O Apóstolo nos fala disto em sua primeira carta aos Coríntios, que a cruz pregada na sabedoria dos homens é ineficaz, ou vazia. Homens pregando a cruz em sua própria sabedoria estão simplesmente tirando o seu verdadeiro sentido e poder. Oh, sim, ouvimos muito a respeito do caminho da cruz, mas não é o caminho da cruz do Senhor Jesus. O poder da cruz reside em seu registro contra o inimigo e todas as suas obras, contra o pecado como um princípio, e contra o mal como um estado, uma natureza. O poder da cruz é retirado quando falamos sobre o heroísmo da cruz e seu caminho, da mesma forma que falaríamos de qualquer homem que negou a si mesmo e renunciou a sua vida por seu País, como se estivesse na mesma categoria que Jesus Cristo. É como se, afinal de contas, o Senhor tivesse aberto mão de Sua vida como qualquer soldado o faz. Esta é a cruz no modernismo.

Outra coisa que o inimigo procura fazer em relação a cruz é manter os cristãos ignorantes a respeito de seu pleno significado. É um grande dia para o Senhor, e um terrível dia para o inimigo, quando um cristão recebe revelação do sentido pleno do Calvário. Este dia marca uma nova porção da nossa história na esfera do conflito. Podemos enfrentar certo tipo de oposição no terreno da obra substitutiva do Senhor Jesus, mas, acredite,

iremos enfrentar dez vezes mais oposição quando chegarmos no terreno da obra representativa do Senhor Jesus, e quando assumirmos o nosso lugar na identificação com Cristo em Sua morte, sepultamento e ressurreição, no sentido espiritual. A partir desse momento se inicia uma nova história de conflito, combate e antagonismo satânico, porém, como entramos em um campo novo, também teremos novos poderes à nossa disposição. O inimigo perdeu seu terreno.

Multidões creem na obra substitutiva e se alegram nela, mas ainda estão se movendo na energia do homem natural, mesmo enquanto cristãos. Tais pessoas não representam uma ameaça ao inimigo nas regiões celestiais, mas, a partir do momento em que a cruz for aceita e plantada em suas vidas de modo que suas vidas naturais sejam postas de lado - "Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" [Gl 2:19,20] – então elas passarão a representar algo novo para o Senhor e para o inimigo, e por isso, estarão em outra esfera de conflito. O inimigo está disposto a tentar ocultar esse lado da cruz dos cristãos, e conforme dissemos anteriormente, é verdade que frequentemente enfrentamos mais oposição nesse aspecto por parte de cristãos, apesar parecer algo estranho. Tão logo seguirmos com o Senhor em toda plenitude do significado do Calvário, descobriremos que a nossa principal dificuldade estará na esfera dos cristãos, e, em via de regra, em meio aos cristãos 'oficiais'. Os líderes não aceitarão essa mensagem, e descobriremos que nosso caminho se tornará infinitamente mais difícil. É verdade que o inimigo, de fato, odeia a plenitude da cruz, e irá procurar todos os meios possíveis para destruir o seu valor para os crentes, ocultando o seu significado, e, se possível fazendo-os abandonar sua posição, descendo da cruz, ou então seu foco será persuadi-los a não aceitá-la.

Bem, este é o seu testemunho do valor da cruz! Ele é uma testemunha do seu significado. A cruz, então, é a base da vitória, e o inimigo sabe disto muito bem.

Precisamos considerar esse assunto seriamente e aplicá-lo a nossa vida, mas lembre-se deste ponto grande e conclusivo: Satanás é um inimigo derrotado para todo aquele que realmente está crucificado com o Senhor Jesus Cristo, porque o Calvário representa a sua derrota. Assim, na medida que formos plantados na morte de Cristo, assim também permanecemos com Ele na derrota do inimigo e na vitória do Senhor Jesus. Assim, embora ele possa rugir, esbravejar, lutar, afligir, pressionar

e assediar, o fato que permanece é que para aquele que é um com Cristo em Sua cruz, Satanás continua um inimigo derrotado.

Capítulo 4

Algumas Dificuldades Mentais na Oração

Depois de considerarmos as cinco fases da oração, a saber: comunhão, submissão, petição, cooperação e o conflito, avançaremos um pouco mais considerando alguns dos problemas relacionados à oração. Como dissemos, é muito frequente que um senso indefinido de contradição ou incerteza paralise nossas mentes quando oramos. Somos, algumas vezes, impedidos por certas dificuldades mentais que jamais nos propusemos seriamente a analisar. Nosso objetivo então, é tentar definir algumas dessas dificuldades, analisá-las até chegarmos a uma conclusão, permitindo dessa forma a manutenção de um caminho limpo para nossa oração em certeza e confiança.

A Oração e a Vontade de Deus

Uma das principais dificuldades na oração surge com relação à vontade de Deus. Isto, naturalmente, é uma esfera muito ampla de contemplação e consideração, e inclui inúmeras fases, aspectos e pontos, mas nós iremos procurar estreitar nossa análise, e, na medida em que avançarmos, veremos que há muito mais envolvido naquilo que dizemos.

A questão básica seria em relação à Sua vontade. A grande dúvida aqui seria se a vontade de Deus para nós é absoluta ou relativa? Quando falo assim, pode não ajudar muito. Soa muito acadêmico, mas vou explicar.

Será que Deus permite as coisas nos acontecerem porque são Sua vontade absoluta, ou porque Ele nos atrai por meio delas para uma determinada posição? Neste último exemplo a vontade de Deus seria relativa, não absoluta, ou seja, as coisas que nos acometem não representam a vontade absoluta de Deus, mas Ele permite que elas ocorram com foco em outros propósitos, e assim, elas representam Sua vontade relativa.

Então temos o fundamento e a base para uma consideração mais abrangente da vontade de Deus em relação à oração. Se estamos tratando com a vontade relativa de Deus, a questão será se tais coisas, tendo cumprido os propósitos a ela designados, serão colocadas de lado e deixarão de ter espaço na vontade de Deus, ou se será a elas permitido permanecer, enquanto que nós estaremos em uma posição de

ascendência, quando elas se tornam nossas servas. Essas coisas permanecem, mas não porque Deus, na plenitude de Sua vontade e propósito deseja que ali estejam. Ele vê que a permanência delas é necessária para nos manter numa certa posição.

Se fôssemos criaturas perfeitas, a vontade de Deus seria sempre absoluta. Não haveria lugar para a vontade relativa de Deus, pois seria desnecessário a Ele permitir que tais acontecimentos ocorressem para nos dirigir a novas posições. Porém, sendo imperfeitos, criaturas caídas, a vontade de Deus para nós é muito mais frequentemente relativa do que absoluta.

Conflito entre Submissão e Importunação

Então temos o problema relacionado à submissão e importunação. Essas duas coisas parecem ser antagônicas, representando uma contradição. Como reconciliar importunação com submissão? A importunação não implica na falta de submissão? A submissão não demanda pela não importunação? Elas parecem se anular, por serem de natureza contrária, contudo, não é bem assim. O problema que encontramos na oração é como continuar batendo, e ainda assim permanecer submisso. Será que a submissão não enfraquece nossa força, quando batemos à porta? Quando batemos muito forte, isso não implica na falta de aprendizado da submissão? Nem sempre isto é definido mentalmente dessa forma, entretanto essa ideia penetra ali no fundo, e tende, muito frequentemente, a tirar nossa positividade, certeza e determinação na oração, até o ponto em que nos encontramos numa terra de ninguém.

Existem coisas a ser vencidas ou superadas em nós, e isto significa que dentro da esfera da vontade relativa de Deus existirão muitas coisas que serão permitidas, ou enviadas pelo Senhor para nossa vida com o objetivo e propósito de gerar certas coisas em nós, ou nos fazer passar por certas coisas, por nós mesmos, na busca de fatores morais (estou usando a palavra 'moral' no sentido amplo, não no sentido restrito). Precisamos reconhecer que a nova criação envolve uma questão moral e não está terminada em relação a nós. Apesar dessa obra estar perfeita e completa em si mesma, não está completa em nós. A velha criação ainda existe, e apesar de ser objetiva e exterior comparando-a à nova criação, ela ainda exerce grande influência sobre a nova.

O pecado não está extinto, o mundo não é algo hipotético, nem o diabo está extinto para o cristão! Entretanto, bem no centro da velha criação temos a nova criação, que é algo moral. Talvez seja um elemento moral em

sua infância, por assim dizer, com todos os seus elementos e fatores a ser desenvolvidos até que nos tornemos criaturas morais, no sentido pleno da palavra: responsáveis, inteligentes, com uma nova consciência, um novo padrão de valores e um novo reconhecimento de princípios. Um novo mundo celestial entrou em cena, e seu conhecimento e sabedoria precisam ser possuídos de forma inteligente. Seus segredos devem ser conhecidos e suas virtudes precisam ser forjadas em nosso interior. O Senhor não nos torna em simples máquinas por meio da regeneração, que serão acionadas sem qualquer consideração a nossa vontade, sentimentos, desejos, razão e inteligência, sendo carregadas de cá para lá e forçadas a fazerem coisas, sem qualquer referência pessoal. Isto é completamente contrário às Escrituras.

Mas o Senhor nos constituiu em criaturas morais segundo uma nova moralidade, um novo sistema celestial e uma inteligência completamente nova que não pertence ao homem natural. Temos um sistema inteiramente novo de julgamentos, valores e avaliações, e em todas as coisas o Senhor irá agora se reportar a nós. Ele irá nos convidar a exercitar a nós mesmos em relação à nova impressão, consciência, convicção do interior dessa nova criação.

Assim, a nova criação é algo moral, mas uma vez que a velha criação ainda a envolve, a nova criação irá crescer por meio da conquista, do conflito, e do exercício árduo para subjugar a velha criação, sujeitando-a, triunfando sobre ela, isto por meio de aplicação deliberada, ardorosa, devotada e persistente.

A vontade renovada, energizada pelo Espírito Santo, não será acionada de forma mecânica, mas será convidada a se exercitar no Senhor. Orar na vontade de Deus não significa que o Espírito Santo vem e toma posse de sua vontade, forçando-o a falar coisas sem seu entendimento. Essa é uma base falsa. Há muito disso hoje, quando o entendimento do homem é colocado de lado e ele começa a derramar todo tipo de coisas que, nem ele, nem ninguém mais conseguem compreender, porém não é assim com a nova criação. O Espírito Santo não suspende a inteligência e compreensão de alguém que Ele usa, mas Ele convida essa pessoa ao exercício de seu entendimento. “Orarei com o espírito, mas também orarei com a mente” [1Co 14:15], disse o Apóstolo, e orar no Espírito Santo não significa que nós cedemos tudo a Ele até o ponto de perdermos a nossa própria vida moral (usando esta palavra novamente em seu sentido mais amplo).

Oração como Educação

Vendo, então, que as questões morais são proeminentes no propósito do Senhor em relação a nós, a oração se torna num processo de educação, treinamento. Falamos da 'escola da oração', e esta é uma designação correta. Educação e treinamento, no entanto, não são coisas semelhantes. Educação refere-se à obtenção de conhecimento, e treinamento se relaciona ao valor moral na expressão prática. Esta definição é muito importante. Quando falamos de uma 'pessoa educada', nos referimos a alguém que conhece muito, porém, referir-se à 'alguém bem treinado' representa que essa pessoa tem valor no sentido prático. Há uma porção de pessoas educadas, mas completamente inúteis.

Somos, portanto, atraídos à oração, e o Senhor Jesus se assegura que sejamos estendidos e prolongamos em oração, representando que, por um lado, obteremos conhecimento espiritual. Esse conhecimento espiritual não será obtido, a menos que a oração seja prolongada. É notável como aprendemos coisas, quando existe um período extenso de oração, e alcançamos segredos, obtendo conhecimento a respeito das coisas. E, então, por outro lado, esta atração para a oração tem o efeito de treinamento, trazendo-nos para uma posição moral e para um nível moral mais elevado. Pessoas que não oram serão tanto ignorantes quanto fracas, mal-educadas e destreinadas. Elas não conhecerão o propósito de Deus, nem serão capazes de agir conforme Sua vontade.

Portanto, devemos reconhecer que a oração não se refere meramente a uma vantagem pessoal, mas é o tomar parte numa campanha. Há um esquema Divino de coisas no qual devemos tomar parte. A oração não tem meramente um valor pessoal e subjetivo. É algo objetivo, coletivo e relativo, mesmo em valores morais que resultam dessas orações individuais.

A Natureza da Importunação

Vamos, então, resumir alguns pontos. Existem três lados na oração impertinente, mas será que compreendemos por que a importunação é demandada, necessária e correta? Você percebe que não há contradição entre sujeição e importunação? A submissão, como salientamos anteriormente, é ativa, positiva, nada passiva. É o processo de entrar em linha com o propósito Divino; e, então, a importunação se segue no desenvolvimento dos aspectos morais.

As Excelências Morais de Cristo Forjadas

Como mencionamos, existem três lados da oração impertinente. Primeiro, temos o lado moral, e este se divide em dois aspectos. Falamos dos ingredientes do incenso que era oferecido sobre o altar de ouro, e dissemos que esses ingredientes representavam as virtudes morais de Cristo. Por um lado, essas virtudes precisam ser apreendidas e apropriadas pela fé, e este é um aspecto do lado moral da oração de importunação: que a fé deliberada e persistentemente apreende e se apropria das virtudes morais e glórias do Senhor Jesus. Esse é um exercício, e frequentemente significa abandonar a intromissão daqueles argumentos levantados pelo nosso homem natural, que desencorajam a oração. Quando entramos na presença do Senhor, deveríamos certamente ter um senso de nossa própria indignidade, vazio e fraqueza, mas preciso deixar claro que esse não é o terreno do nosso exercício. A oração eficaz é interferida, paralisada e até mesmo impedida pela obsessão persistente com os nossos próprios pecados, fraquezas e impotência, e existe uma necessidade de exercício positivo nas virtudes morais e nas excelências de Cristo, para que possamos tê-las em nossas mãos para nos achegarmos diante de Deus.

O inimigo irá introduzir acusações e condenações na presença de Deus, mas precisaremos nos agarrar, com ambas as mãos, às excelências do Senhor Jesus, e enquanto não o fizermos, não chegaremos até o trono, porque não poderemos chegar lá sem essas excelências. Deve haver uma recusa deliberada de receber essa acusação. No caso de algumas pessoas, a vida de oração foi perdida e se tornou impossível, porque imediatamente ao se colocarem em oração sobrevinha uma invasão de introspecção, autoanálise, forte consciência de si mesmo e de suas faltas, de modo que essas pessoas nunca conseguiram alcançar algo positivo.

Por um lado, então, temos o exercício e a persistência da fé na apropriação daqueles ingredientes, das excelências e virtudes do Senhor Jesus, para chegarmos diante de Deus.

Então temos outro aspecto desse do fator moral: essas excelências e virtudes precisam ser forjadas em nossas próprias almas, pelo Espírito Santo. O Senhor Jesus na presença de Deus é o Homem segundo o coração de Deus representativo. Entretanto, Ele não se limita a ser apenas nosso representante, mas é o Homem de Quem todos os membros da nova criação em Cristo precisam assumir o caráter. Todas as virtudes e excelências desse Homem perfeito devem ser distribuídas a todos os Seus

membros, de modo que eles se tornem participantes de Sua natureza em suas próprias almas. Essas virtudes de Cristo foram provadas, testadas, triunfaram, e são virtudes poderosas, não se tratando de algo meramente passivo. O Senhor Jesus (digo isso com reverência) não foi colocado num museu como um modelo, um espécime supremo apenas para ser olhado e admirado, mas existe uma força e realidade Nele. Ele vive, não é um modelo ou uma estátua. Ele é o Cristo vivo que transmite da Sua vida, por meio do Espírito Santo a nós, Seus membros. Sua fé não é apenas algo completo, aperfeiçoado e polido, para ser observado como um espécime bonito. É uma fé por meio da qual devemos viver. O mesmo acontece com Sua paciência. Somos chamados para ser companheiros e participantes da paciência de Cristo. Ao mencionar essas coisas, logo diversas porções das Escrituras passam pela nossa mente: "associai com a vossa fé a virtude" [2Pe 1:5]. Associai, associai, associai – e essas são virtudes de Cristo acrescentadas em nós.

Somos chamados, diz o Apóstolo, para ser "participantes de Cristo" [Hb 3:14]. Dessa forma, Sua fé, paciência, devoção, obediência, sofrimento e amor foram todos provados, e triunfaram, mas não são consideradas coisas desassociadas, são ligadas a nós. "Pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina" [2Pe 1:4].

O lado moral da oração impertinente, então, é que as virtudes e excelências de Cristo são forjadas em nós. Quando a importunação representa a necessidade de paciência porque Deus não responde nossas orações, nem hoje ou amanhã, nem talvez na próxima semana, mês, ou ano, o que será que Ele está fazendo? Está forjando em nós, nesse processo, as excelências morais de Seu Filho: fé, paciência, devoção e obediência aperfeiçoadas e triunfantes. A oração é verdadeiramente um treinamento! Essas virtudes vêm por meio de exercício. Vamos nos lembrar de que Deus tem um propósito moral em vista, e para isso fomos chamados a ser participantes de Cristo. Portanto, a vontade relativa de Deus tem a ver com caráter. O pecado não é a vontade absoluta de Deus, mas Ele o permitiu. Mas o relacionamento ocorre por meio da nossa conquista, e do desenvolvimento da vida moral da nova criação. O sofrimento não é a vontade absoluta de Deus, mas Ele de fato o tem permitido. É, portanto, Sua vontade relativa, que representa que Sua permissão e consentimento têm um propósito. Quando este propósito é alcançado, o sofrimento pode ir embora, ou pode até ser permitido a ele permanecer para nos manter numa certa posição, mas o importante é que

a posição intencionada por Deus seja por nós alcançada, de modo que a vontade relativa de Deus se cumpra. Isso se aplica a tudo. As circunstâncias, por exemplo. Muitas dessas circunstâncias que nos acometem não são a vontade absoluta de Deus. Um colapso não é a vontade absoluta de Deus, mas como nada pode acontecer a qualquer filho Seu sem o Seu consentimento, é Sua vontade permissiva.

Assegurando o Entendimento Espiritual

Isso então levanta a questão de buscar, em oração, conhecer o sentido da vontade de Deus nas coisas. Esta é a nossa educação. O nosso treinamento é conhecer o sentido daquilo que Deus quer nas coisas pelas quais oramos, através do exercício profundo do coração e das dores de parto. Uma vez que alcançamos um padrão mais elevado de vida, o segundo ponto na oração de importunação é o conhecimento. Em primeiro lugar temos a vida moral, e em segundo, o conhecimento.

Alguns se colocam inteiramente nas mãos de Deus, e são conduzidos a experiências estranhas de aparente contradição. Pode haver um senso claro do que o Senhor deseja fazer, mas uma impossibilidade absoluta para fazê-lo! Nenhum caminho é aberto, todas as portas são fechadas. Adiantos e atrasos! O que o Senhor está fazendo? O primeiro efeito seria nos atrair para a oração, devemos nos estender ao máximo na importunação. Não podemos fazer diferente. Podemos decidir deixar tudo com o Senhor, mas nos encontraremos voltando repetidamente a esse assunto, e o Senhor não irá nos permitir ficar indiferentes. Bem, Ele busca um conhecimento e entendimento mais plenos da nossa parte. Isto está associado com todos os caminhos do Senhor conosco, e é uma coisa, que, naturalmente, conhecemos pela experiência, mas deve ficar claramente definida em nossas mentes: não poderemos aprender princípios Divinos, ou obter conhecimento espiritual a partir de livros ou palestras. Eles apenas podem ser conhecidos na medida em que forem gerados. Acima de tudo precisa haver a concepção, que é algo interior; então, deve haver a formação, e, finalmente haverá as dores de parto, conduzindo ao nascimento. É um processo da vida. Não podemos aprender coisas Divinas e espirituais a partir de manuais, nem mesmo da Bíblia. Apenas aprenderemos o que está na Bíblia ao longo de experiências vivas. A Bíblia não é um gramofone; mas um microfone. Qual é a diferença? Um gramofone é algo que tem tudo armazenado em si mesmo. Um microfone é aquilo que transmite algo adiante. A Bíblia não é um gramofone. Devemos receber coisas além da nossa compreensão em nossa leitura da Palavra. Podemos ter o conhecimento da Bíblia do tipo gramofone, isto é, podemos

conhecer a Bíblia como um livro de capa a capa, podemos ter as análises e diagramas mais maravilhosos, e ainda ser de muito pouca utilidade para o Senhor, no que tange aos propósitos práticos e espirituais, de forma viva.

Porém, se tivermos uma compreensão da Palavra como de um microfone, teremos as Escrituras, sim, porém mais do que isto, Deus nos falará através das Escrituras e teremos algo vivo a partir delas. Todos nós, como crianças na praia, já apanhamos conchas e as colocamos na orelha para ouvir o som do mar. Trazemos as conchas para as nossas casas na cidade e as colocamos nos nossos ouvidos, e ainda ouvimos o barulho do mar. Mas será que isso é real? É uma desilusão infantil. Quando éramos crianças pensávamos que se tínhamos a concha na cidade e ouvíamos o barulho do mar, aquele som estava armazenado dentro da concha e bastava colocá-la nos ouvidos – nós o ouvíamos. Este é um pensamento infantil em relação à concha, mas a coisa não funciona desta maneira. Aquela concha está apenas agindo como um funil que coleta as vibrações dos sons na atmosfera, nos fazendo ouvir aquilo que não ouviríamos somente com os ouvidos. A concha não passa de um transmissor de algo maior.

A Palavra de Deus tomada como um livro é exatamente como aquela concha. Se estivermos no Espírito, ela nos trará a mente do Senhor, mas, separados da operação do Espírito, a Bíblia pode ser como um livro qualquer e nós podemos lê-la sem obter nenhuma luz a partir dela, da mesma forma que acontece com qualquer outro livro. A necessidade é de conhecimento espiritual, porém muitos fazem da Bíblia apenas um manual.

O que quero dizer é que não podemos conhecer princípios Divinos ou obter conhecimento espiritual a partir de livros ou palestras. Esses princípios somente vêm a nós ao longo da linha da vida e da experiência. Um caráter vivo é formado em nós, uma vida é desenvolvida, e, então, entramos em dores de parto para sua manifestação. É assim que obtemos conhecimento espiritual. Ele vem por meio de oração perseverante, e este é o porquê de Deus exigir e tornar a oração persistente necessária. Começamos a conhecer coisas espirituais a partir das dores de parto de nossas almas diante de Deus, em longas experiências de angústia. Muitas vezes a pressa apenas representa perda de tempo, e acabamos obrigados a voltar atrás para obter o pleno conhecimento, porque nos apressamos. O Senhor precisa trazer muitas pessoas de volta, amarrando-as a ponto de não poderem se mexer, e mantê-las em exercícios profundos por um longo período de tempo. Então, elas aprendem aquilo que na mente do Senhor era indispensável. Há aqueles que aprendem antes de saírem, mas, seja

antes de ir, ou seja necessário voltar atrás, o objetivo do Senhor permanece - que possamos conhecer.

Assim, a demora do Senhor é o Seu tempo de nos atrair para a oração persistente, pelo conhecimento espiritual.

Assumindo Responsabilidade na Oração

Então, em terceiro lugar, temos o aspecto coletivo. Neemias menciona a oração que ele fez dia e noite, mas aquela oração era relativa, pois se relacionava com o povo do Senhor. As orações de Cristo tomavam o mesmo caráter. Elas não eram somente em favor de Si mesmo, mas estavam relacionadas aos Seus e foram estendidas por dias e noites a seu favor. As orações de Paulo claramente eram da mesma ordem: “não cesso de orar por vós”; “orando sempre com toda oração e súplica... por todos os santos”. Vemos persistência e importunação, mas como algo coletivo, relativo. A mulher a quem somos remetidos quando usamos a palavra ‘importunar’, ou ‘importunação’, confronta o juiz iníquo, e ela representa a Igreja. O comentário de Cristo sobre esta palavra foi: “Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite...” [Lc 18:7].

Qual é a justiça a ser feita a favor dos santos em suas adversidades? Bem, veremos esse fato coletivo no final, essa grande questão sendo resolvida quando o acusador dos irmãos for expulso, aquele que os acusava de dia e de noite diante de Deus. O grande Juiz fará justiça em relação ao acusador, o atormentador da Igreja, e isto tem seu aspecto coletivo.

O incidente do amigo inoportuno batendo à meia noite também é algo relativo, não apenas pessoal [Lc 11:5]. O homem se levantou porque seu amigo iria continuar batendo. O homem foi tirado da cama pela importunação do seu amigo, mas isto estava relacionado a outras pessoas. Tudo isto representa um esquema, um plano, uma campanha, na qual todo o povo do Senhor está envolvido. Deus não está apenas nos colocando individualmente numa posição, mas está nos colocando nessa posição relativa, junto com todo o Seu povo: “Até que todos cheguemos...” [Ef 4:13]. Nossas dores de parto ou treinamento moral, as contradições e demoras que nos atraem e nos levam a nos estendermos completamente sobre essas questões estão operando em nós, em relação ao Corpo. Tudo se torna em algo relativo, pois é do interesse do Corpo.

O Senhor busca aperfeiçoar todo o Seu Corpo, com a justa cooperação de cada parte. Um dia, o efeito cumulativo de nossas provações, dificuldades

e perplexidades serão vistas no Corpo aperfeiçoado, e nós então iremos ver que nosso sofrimento não foi algo isolado, mas era coletivo, relacionado, fazendo parte do todo, e contribuiu para algo além dos nossos próprios interesses.

Precisamos permitir que o pleno propósito de Deus dê um colorido às nossas experiências pessoais. Isto pelo qual passamos não é simplesmente porque o Senhor nos marcou para sermos meros sofredores, mas acontece porque o Corpo todo é o Seu objetivo, e nós sofremos em relação a esse Corpo. Por causa do Corpo, nós preenchemos o que resta das aflições de Cristo. Os sofrimentos são relativos - correspondem à vontade relativa de Deus, não a absoluta - neste sentido mais amplo que eles se movem na direção do propósito pleno de Deus. Quando este propósito maior for alcançado, então, esta vontade relativa de Deus nos sofrimentos irá desaparecer, e não haverá mais dor, nem sofrimento. Precisamos enxergar o todo do plano de Deus e descobrir como a nossa persistência e importunação na oração afeta essas três coisas. A vida moral pessoal do cristão baseada num padrão celestial e o aumento do conhecimento espiritual estão por trás das demoras que nos conduzem à oração impertinente. Há algo novo que iremos conhecer como fruto de tudo isso. Iremos aprender algo que no momento é desconhecido para nós, e esta força que nos atrai é a maneira pela qual obtemos esse conhecimento.

Este exercício, essas dores de parto, estão relacionadas ao pleno propósito de Deus e se relacionam a todos os Seus santos. Não existe algo como coerção na vontade de Deus. Isto não corresponde à ideia de importunação. Importunação é cooperação com Deus, embora possa não parecer isso. Podemos achar que o seu efeito é o de coagir Deus e persuadi-Lo a fazer as coisas, mas Deus tem apenas nos atraído desta maneira para nos fazer cooperadores da Sua vontade. Isto é o que quis dizer quando disse que haviam coisas a serem vencidas em nós, e todos os tipos de coisas da velha criação precisarão ser subjugadas – nossos desejos, sentimentos, preferências, julgamentos, concepções, estimativas. No exercício, atividade e dores de parto da oração entramos em cooperação com Deus, e chegamos a ver, ao longo da caminhada, que aquilo que acreditávamos que era nossa tentativa de persuadir o Senhor a fazer as coisas, era de fato o Seu modo de nos fazer chegar à posição onde Ele pudesse fazer o que desejava. O Senhor tem caminhos estranhos, porém, no final Ele é justificado, e “a sabedoria é justificada por suas obras” [Mt 11:28].

Capítulo 5

A Espada da Palavra, e Oração

Ler: Juízes 7:1-7. 1 Samuel 13:2-7, 19-23. Efésios 6:17-18.

Chegamos ao final de nossa meditação sobre oração, apenas há uma ou duas coisas que precisam ser ditas, e se relacionam às passagens citadas acima.

Juntando o conteúdo dos capítulos 13 e 14 de I Samuel, podemos descrever a situação assim: Saul, que oficialmente representava o povo, estava numa posição onde a fé em Deus estava em condição de escassez. O resultado era o domínio do medo, e vemos, por toda a parte, uma trágica ausência de coesão e unidade. O inimigo estava em ascendência. O povo era incapaz de fazer alguma coisa, porque, por um movimento estratégico do inimigo, todas as suas armas de guerra haviam sido removidas e suas forjas haviam sido destruídas. No meio de tal situação, houve pelo menos um homem que tinha fé em Deus, e cuja fé o estabeleceu em oposição à essas condições que predominavam ao seu redor. Jonatas ainda cria profundamente em Deus, e, dessa forma, não apenas denunciou o estado de coisas, como também o repudiou quando se posicionou ativamente contra ele. Assim, Jonatas se tornou no pequeno instrumento de Deus para derrotar o poder do inimigo, numa ocasião de declínio quase universal. Ele ergueu um testemunho em meio à muita fraqueza espiritual. Vemos tais exemplos espalhados nas Escrituras, e na história da Igreja desde os tempos bíblicos. Há duas coisas que são significativas e especiais, e que devem ser observadas nesta história. Uma é:

A Estratégia do Inimigo

A estratégia do inimigo era estruturada de forma que o povo do Senhor já estaria virtualmente derrotado, antes mesmo que houvesse qualquer combate. Suas armas haviam sido confiscadas, e os meios para produzi-las foram removidos e destruídos.

Este era um movimento astuto, e realmente se trata de uma das artimanhas geniais do inimigo. Será que não vemos que neste incidente descrito na história literal do povo de Deus há uma indicação de como o inimigo do testemunho de Deus sempre procura agir? Não seria esta a mesma coisa que acontece hoje? Vimos em nossa meditação anterior que

as armas do povo de Deus são principalmente a oração e a Palavra. Trazendo isto para o nosso caso, imediatamente fica claro que o golpe de mestre do inimigo é nos impedir nesta direção dupla. Não é de pouca importância lembrar que o nosso adversário não espera até a hora do combate para colocar suas forças em ação, mas está sempre à postos bem antes desse momento. Para ele, fazer diferente seria fatal. O mesmo se aplica a nós. Descobrimos frequentemente que, quando vamos realmente lidar com uma situação, estamos sem equipamentos, pois a aparelhagem essencial já nos foi tirada previamente. Naquela hora de emergência, não temos meios de conseguir equipamento, e aprendemos lições amargas de impotência em momentos de grande necessidade ou de oportunidade. A exigência é manter uma vida firme e forte na oração e na Palavra enquanto não houver nenhuma necessidade, pois somente assim estaremos preparados e espiritualmente equipados, quando a necessidade especial aparecer.

Esta condição de despreparo representa desonra espiritual e perda de nossa posição diante de Deus. Você não fica comovido com a mudança do título do povo do Senhor nesses capítulos? Algumas vezes eles são chamados de 'Hebreus'; outras vezes 'Israel'. Se observarmos mais de perto, descobriremos que o Espírito do Senhor os chama de 'Hebreus' quando estão do lado dos Filisteus, e de 'Israel' quando não estão. Eles perdiam a dignidade do nome 'Israel' – um príncipe com Deus – quando estavam do lado dos Filisteus. Quando eles não estavam daquele lado, o Senhor, em Sua graça, ainda os chamava de 'Israel', embora podiam estar em condição de fraqueza, e muito longe de Sua concepção para eles. Porém, os Filisteus sempre os chamavam de 'Hebreus', e o Senhor permitia a permanência desse título quando eles estavam nas mãos dos Filisteus. A dignidade deles como 'um príncipe com Deus' desaparecia.

O que nos torna príncipes com Deus? É nossa vida de oração e vida na Palavra. Nós perdemos nossa dignidade, nossa posição e ascendência se o inimigo roubar a nossa vida de oração e a nossa vida na Palavra. Isso não é verdade na nossa experiência? Naturalmente! Provavelmente fomos ensinados a esse respeito quando éramos novos convertidos, mas existe uma atividade e determinação particular do inimigo para nos impedir de orar e chegar à Palavra de Deus naquele terreno mais amplo do conflito e batalha espiritual que envolve o testemunho do Senhor. Me refiro àquela 'posição avançada' no combate do povo de Deus, fora da esfera terrena como Cristãos individuais, e dentro das regiões celestiais, como membros do Corpo de Cristo. Quando o inimigo previne, impede, frustra e destrói

essa vida de oração e vida na Palavra, ele logo irá desmoralizar a Igreja e seus membros espiritualmente, roubando-lhes sua ascendência.

Que o Senhor possa novamente trazer aos nossos corações a força e a ênfase da necessidade de permanecermos firmes contra as astúcias do Diabo! Essas ciladas estão voltadas, não somente em oposição à nossa vida de oração, mas também visam nos impedir de aumentar nossa vida de oração e vida na Palavra. Sei que é repetitivo, mas estou certo de que isso se faz necessário. Se o inimigo puder ter o seu espaço, não teremos uma vida de oração. Ele irá colocar qualquer coisa concebível, natural e sobrenatural, no caminho para impedir nossa vida de oração e para prevenir nossa vida na Palavra de Deus. Essas são as duas armas mais poderosas do nosso combate. Deverá haver um despertamento em relação aos ardis do inimigo para que possamos também estar em posição de sermos capazes de nos antecipar a ele. O Apóstolo disse: "pois não lhe ignoramos os desígnios" [2Co 2:11], e estar conscientes do que o inimigo está para fazer é metade da batalha. Quantas coisas acontecem frequentemente para impedir a oração e a vida na Palavra! Elas ocorrem de maneira tão natural, tão simples e despreziosa que parecem apenas ser acontecimentos naturais e, talvez, fossem até mesmo esperadas em nossas vidas, porém, quando se passam algumas semanas, descobrimos que a nossa vida de oração se foi. Como isso aconteceu? O inimigo não fez uma demonstração, nem fez isso de alguma maneira óbvia, para anunciar que iria destruir nossa vida de oração por meio disto ou daquilo, mas simplesmente aconteceu.

Vigiando em Oração

Vigiar em oração! Vigiar e orar neste sentido é, de fato, vigiar para conseguir orar, contra as coisas que te impediriam de conseguir fazê-lo. E devemos nos lembrar desse 'para que': "para que Satanás não alcance vantagem sobre nós" [2Co 2:11]. Vemos aqui uma antecipação, uma atitude preventiva de nossa parte, um permanecer firme contra as astúcias do inimigo. Devemos questionar sempre essas ocorrências naturais, ordinárias, para avaliar se não há alguma arma nelas, alguma estratégia sutil do inimigo, para nos furtar da oração. O que é isto que impede a vida de oração necessária, essencial? Vamos nos perguntar se, afinal de contas, isso se trata de algo a respeito do qual devemos nos posicionar. Vamos questionar as coisas. Deve haver uma grande vigilância de nossa parte contra movimentos estratégicos do inimigo nesta direção, para que nossas armas não sejam roubadas ou inutilizadas. Tenho certeza que essa nota precisa ser constantemente lembrada. Vigie contra as

astúcias do inimigo que são direcionadas para furtar suas armas, sua vida de oração e sua vida na Palavra!

O Lugar da Palavra na Oração

Vemos duas coisas intimamente relacionadas pelo Espírito Santo: “a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; com toda oração e súplica, orando...” [Ef 6:17,18]. O Espírito Santo relacionou essas duas coisas, pois poderia ter mencionado a espada no início, ou em qualquer outro ponto da armadura. Podemos até acreditar que o Apóstolo, baseando-se no soldado romano com sua espada presa à cinta, teria mencionado a espada junto dela, dizendo: ‘cingindo-vos com a verdade e a espada do Espírito’. Mas, não, ele abordou o cinto em momento diferente da espada, prosseguindo com as partes defensivas da armadura para, então, trazer as duas armas ofensivas juntas no final: a Palavra e a oração. Essas duas armas são essenciais para a vida. Não me refiro somente para resistir e ter meios de defesa contra o inimigo, mas também para possibilitar uma vitória real, uma conquista, uma progresso ofensivo. É isto o que se conclui a partir do texto de 1 Samuel 14. Havia uma espada com Jonatas, e vemos também um movimento ascensional de suas mãos e pés. Havia, de sua parte, a atividade da fé com as armas da guerra, e ele venceu. Mencionamos que é tremendo ser capaz de ter a Palavra de Deus sustentando a sua oração, quando podemos dizer ao Senhor: "... segundo a Tua palavra". É uma fonte de grande força, ser capaz de dar ao Senhor a Sua Palavra.

Tomemos, por exemplo, o salmo 119 como ilustração. Vamos salientar quão frequentemente o salmista usava esta frase: “Vivifica-me segundo a tua palavra”. “Fortalece-me segundo a tua palavra.” (versos 25, 28). Vamos complementar com a palavra que corresponde à essa petição: "Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita" (Rm 8:11). Esta é a Palavra de Deus. É uma grande coisa ter a Palavra de Deus com você na oração, de modo que possa apresentá-la diante do Senhor. Ela lhe concede uma posição de força. Também é algo grandioso ser capaz de enfrentar o inimigo com a Palavra de Deus. O próprio Senhor foi para o deserto e foi tentado pelo inimigo por quarenta dias. Como Ele enfrentou o Diabo? Apenas com a Palavra de Deus! A Palavra de Deus era a Sua arma, e no final Ele passou por tudo e venceu com esta arma. Não quero dizer com isso que devemos enfrentar o inimigo objetivamente, começando a citar as Escrituras audivelmente para ele. Isto pode até ser necessário algumas vezes, e pode ser um bom exercício

enfrentar o inimigo com uma declaração audível daquilo que Deus disse, mas, caro amigo, é necessário ter a Palavra de Deus em nossos corações para permanecermos nas promessas, em todos os momentos de tentação, pressão e investida espiritual no nosso interior. Não poderemos permanecer nela se não a conhecermos. Há um grande fortalecimento de posição, quando caminhamos com a Palavra de Deus debaixo dos nossos pés. Uma vida na Palavra é algo muito importante para a oração eficaz, e estas duas coisas caminham juntas numa vitória positiva e agressiva sobre o inimigo.

O Oração e os Vencedores

Um último ponto a ser destacado nesta porção é que apenas um pequeno grupo estava naquela posição. Jonatas disse: "porque para o SENHOR nenhum impedimento há de livrar com muitos ou com poucos" (1Sm 14:6). Aquele era um grupo comparativamente pequeno, mas representou a chave para a situação toda, para o Senhor. Eles representaram os demais numa posição relativa, e o Senhor sabia que os demais dificilmente se lançariam nisto, se não fosse por esse pequeno grupo. O Senhor precisava deles por causa dos outros. No final das contas, os demais desfrutaram do benefício que este pequeno grupo lhes assegurou. É o que muito frequentemente chamamos dos 'vencedores', um pequeno grupo – comparativamente falando – que permanece firme na posição, mantendo sua vida de oração e sua vida na Palavra. Esses representam a esperança do povo do Senhor. Eles são a chave do Senhor para a situação, e Ele precisa deles por causa dos demais. Como Benjamin, eles são o elo entre os irmãos alienados e distantes, e correspondem àquele que está perto do trono. Vemos que é aquele pequeno, mas que se torna na razão para que os demais sejam trazidos para a bênção plena. Essa é uma posição de privilégio, embora seja difícil, tenha um alto preço e envolva luta e sofrimento. Preciso falar mais sobre o privilégio de ser um vencedor. Temo que fiquemos muito impressionados com o sofrimento e o alto preço envolvidos, mas é um privilégio estar numa posição que irá representar muito para o Senhor, dentre tantos outros que a rejeitam em momentos como esse.

Se o Senhor vai trazê-los, Ele não faz isto, nem pode fazê-lo, diretamente. Ele faz isto através da ministração daqueles que estão nesta comunhão íntima com Ele, que representam uma poderosa vitória sobre a estratégia do inimigo. É uma posição de privilégio, e é por isto que aqueles que estão seguindo este caminho com o Senhor tornam-se no objeto central do ódio e da malícia do Diabo e é uma batalha para eles sustentar essa posição

para a qual o Senhor os têm chamado. Muito depende deles por causa de suas responsabilidades em virtude dessa ligação entre eles e – talvez – multidões de pessoas.

Assim Jonatas e seu escudeiro (e esta é a parte da história que gosto muito) tinham um entendimento secreto. Havia aqueles dois maciços e ameaçadores penhascos de ambos os lados, e os Filisteus estavam em lugar de vantagem. O entendimento secreto deles era o seguinte: 'Se eles disserem que irão descer a nós, tudo bem, iremos esperar. Mas se disserem: "Venham a nós", então saberemos que o Senhor os entregou em nossas mãos.' Você imagina que eles colocariam as coisas exatamente ao contrário, pois eles teriam tido todas as vantagens, e teria sido comparativamente mais fácil. Mas crer que o fato de ser chamado para escalar aquelas dificuldades, penhascos ameaçadores era o sinal dado pelo Senhor para a vitória, bem, torna a situação muito intensa, não é? E os Filisteus disseram: "Subi a nós!" [vs 10] E Jonatas replicou: "Sobe atrás de mim, porque o SENHOR os entregou nas mãos de Israel" [vs 12], e, enquanto avançavam com as mãos e com os pés, pois era uma subida muito difícil, eles diziam para si mesmos: "A vitória é nossa." Eles subiam *em* vitória, e não *para uma* vitória. Eles tinham suas armas, tinham fé em Deus, permaneciam na vitória e prosseguiram nela. Jonatas, de fato, derrotou os Filisteus. Eles caíram diante dele e de seu escudeiro. Então, o Senhor mandou um terremoto. Quando a fé tinha ido tão longe quanto podia, Deus cooperou e enviou consternação entre os Filisteus. Então os pobres e fracos Hebreus viram a sua chance, atacando os Filisteus. Isto não foi muito nobre, nem muito honroso, mas Jonatas foi o instrumento para extrair força da fraqueza deles, obter um claro testemunho de sua falta de distinção, e, a partir do ponto onde o testemunho havia se perdido, proporcionou agora um lugar onde eles podiam se apoiar. Muitas pessoas simplesmente precisam de um Jonatas para trazê-los para um lugar espaçoso. Eles irão entrar em cena, se o Senhor tiver um instrumento forte o suficiente para enfrentar o inimigo a seu favor, mas eles não entrarão até que alguém golpeie os Filisteus por eles. Será você um desses?

A Companhia Peneirada

Preciso encerrar, porém quero dizer apenas uma palavra sobre como o Senhor passa a peneira, até conseguir algo parecido com o ilustrado na história de Jonatas, e sobre a necessidade de redução para efetividade. Jonatas, seu escudeiro e um pequeno grupo representavam um povo peneirado. Eles foram selecionados nesta questão de fé no Senhor, e eles foram peneirados até o ponto quando a oração e a Palavra se tornaram em

suas próprias vidas. A companhia de Gideão representou isto: uma companhia peneirada, trazida para uma posição de absoluta fé em Deus, pois era isso que Ele buscava - "É demais o povo que está contigo, para eu entregar os midianitas nas suas mãos; Israel poderia se gloriar contra mim, dizendo: A minha própria mão me livrou" (Jz 7:2). Eles tinham que estar numa situação onde Deus fosse seu único recurso, e a fé nEle fosse sua base de permanência. Então, cada homem deveria colocar sua espada em seu lado, permanecendo a postos. Você tem um belo quadro disso nos trezentos homens de Gideão, que formaram uma companhia selecionada que permanecia na oração e na Palavra de Deus. "A Espada do Senhor" – a Palavra do Senhor. O Senhor se assegurou que todos os medrosos voltassem para casa, pois um coração medroso é inútil. A fé se faz necessária aqui. Um coração dividido é inútil, e desqualifica o seu possuidor. Por isso, o coração medroso foi o primeiro teste, e um grande grupo retornou para casa, por ter um coração temeroso. Um coração dividido foi o próximo teste, e aqueles que se ajoelharam para beber água demonstraram que não estavam totalmente preparados para a empreitada. Aqueles que permaneceram de pé e apenas lamberam a água estavam ansiosos, pois se firmaram sobre seus pés, apenas beberam água porque era necessário.

Aqueles que lamberam a água tinham o coração determinado, estavam completamente envolvidos no negócio. Um coração dividido nos desqualifica, e o Senhor olha para isto, nos descartando. No final, o Senhor tem a Sua companhia, e eles estão todos com Ele, na fé do Filho de Deus, possuindo uma vida de profunda comunhão com Ele em oração e na Palavra. Essa será sempre uma companhia peneirada, e nós não deveríamos nos sentir desencorajados com isso ou pensar que uma coisa estranha aconteceu, quando o Senhor começar a passar a peneira e muitos voltarem para casa. Esta é a maneira do Senhor obter efetividade, Ele precisa peneirar. Ele mesmo, quando esteve aqui na terra, nos proveu bastante ensino nesse sentido. Ele chama, e as reações a Sua chamada são: "Permite-me ir primeiro sepultar meu pai" [Lc 9:59]. Então, existem outros interesses: "Comprei um campo e preciso ir vê-lo... Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las... Casei-me e, por isso, não posso ir..." [Lc 14:18-20]. Isso indica um coração dividido! E, então, temos a Sua palavra: "Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo... E qualquer que não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo" [Lc 14:26, 27]. Isto é, nada de coração tímido! O Senhor

nos chama para isto, e por meio de trezentos Ele venceu os Midianitas, salvando Israel. Eles representaram a salvação dos demais.